



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Jéssica Couto da Silva Mello

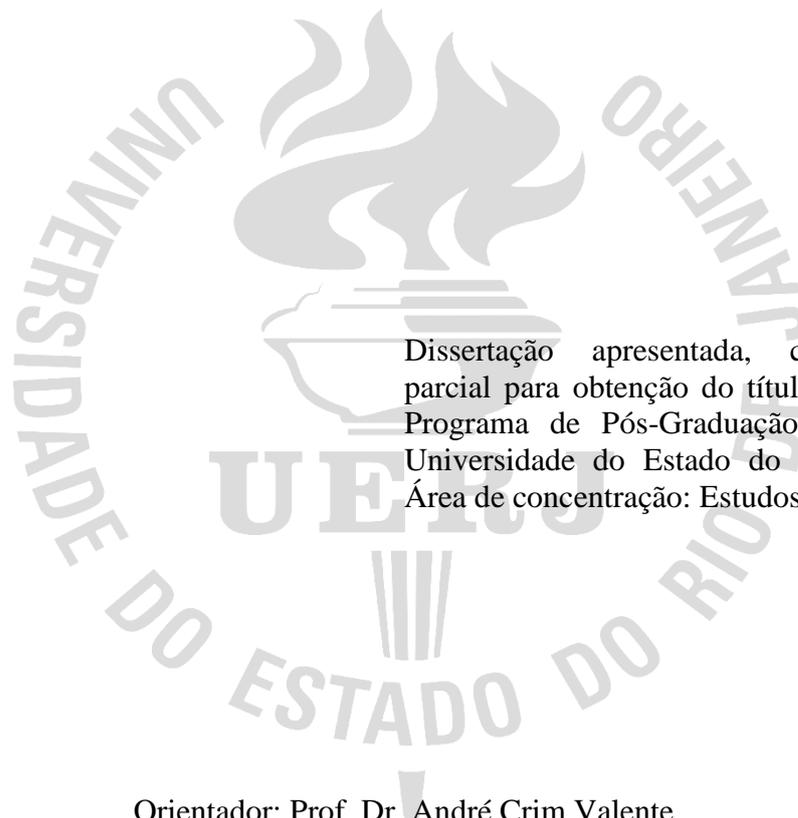
A intertextualidade em textos midiáticos como fator de coerência textual

Rio de Janeiro

2021

Jéssica Couto da Silva Mello

A intertextualidade em textos midiáticos como fator de coerência textual



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

M527 Mello, Jéssica Couto da Silva.
A intertextualidade em textos midiáticos como fator de coerência textual / Jéssica Couto da Silva Mello. – 2021.
75 f.: il.

Orientador: André Crim Valente.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Teses. 2. Intertextualidade – Teses. 3. Escrita-
Teses. 4. Leitura – Teses. I. Valente, André Crim. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Jéssica Couto da Silva Mello

A intertextualidade em textos midiáticos como fator de coerência textual

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 19 de novembro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André Crim Valente (Orientador)

Instituto de Letras - UERJ

Prof^ª. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara

Instituto de Letras - UERJ

Prof^ª. Dra. Edila Vianna da Silva

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

À minha avó, Maria Aparecida, (in memoriam) por realizar os meus sonhos enquanto pôde e por me dar condições para realizar os que dependiam só de mim.

À minha filha, Melinda, por me dar razões para tentar ser um pouquinho melhor todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por mostrar-se sempre ao meu lado, pela oportunidade de realizar mais uma importante etapa da minha formação, por me amparar em todos os momentos e não me deixar esmorecer diante das tempestades que surgiram ao longo desta caminhada.

Ao meu marido por ser meu melhor amigo, pelo apoio e companheirismo fundamentais para que eu conclua meus projetos pessoais. Por todas as lidas e relidas neste trabalho, por todo o encorajamento nas vezes em que eu pensei que não conseguiria concluir esta difícil e desejada etapa da minha vida.

Aos meus sogros por serem mais que minha família, por me apoiarem, por serem uma rede de apoio impecável para cuidar, com muito amor, da minha filha e do nosso bem-estar e darem todo o suporte para que a minha vida profissional e acadêmica pudesse continuar após tantos desafios.

À minha família por sempre acreditar em mim, especialmente a minha avó, que sempre foi minha base e meu incentivo para prosseguir.

À minha grande amiga, Hellen Lira, pela amizade e parceria, pelas longas conversas, pelo incentivo, por estar sempre disponível, pela nossa conexão e por fazer essa trajetória mais leve e menos solitária.

Ao meu querido orientador, André Valente, por todo o aprendizado partilhado, pela gentileza e compreensão em todos os momentos, pela prontidão em socorrer aos meus chamados, pelo carinho, pela disponibilidade e dedicação em me orientar, aconselhar, tranquilizar e me encorajar a seguir adiante.

Por fim, agradeço à UERJ por me ofertar uma educação de excelência tanto na graduação como na pós-graduação e aos maravilhosos professores, que muito contribuíram para minha formação, com os quais tive a oportunidade de aprender e me desenvolver como professora e pesquisadora, em especial aos convidados para a banca deste trabalho, dos quais eu me orgulho e nos quais me inspiro.

A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos sempre podem ser outros.

Eni Orlandi

RESUMO

MELLO, Jéssica Couto da Silva. *A intertextualidade em textos midiáticos como fator de coerência textual*. 2021. 75 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

O presente trabalho parte do princípio de que, assim como falar, ou ler, “escrever é uma atividade que retoma outros textos, isto é, que remonta a outros dizeres” (ANTUNES, 2005, p. 32). Assim, a pesquisa pretende demonstrar que a intertextualidade é um importante fenômeno linguístico e sociodiscursivo, que leva o indivíduo a recorrer a seu conhecimento de mundo para estabelecer conexões semânticas entre diversos textos. Para isso, acredita-se nos estudos da linguagem pautados em gêneros textuais, especialmente os midiáticos, aos quais os usuários da língua estão diariamente expostos. Deste modo, considera-se que a intertextualidade e a interdiscursividade podem contribuir, significativamente, para a promoção de práticas de leitura e escrita socialmente relevantes que possam ser compartilhadas e protagonizadas entre os interlocutores. Objetiva-se, portanto, fazer uma análise de alguns textos midiáticos (charges, *memes* e capas) que utilizam a intertextualidade de diversos modos, em níveis distintos, como recurso para impactar seu público-alvo.

Palavras-chave: Intertextualidade. Interdiscursividade. Gêneros textuais. Leitura.

ABSTRACT

MELLO, Jéssica Couto da Silva. *Intertextuality in media texts as a factor of textual coherence*. 2021. 75 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

The present work assumes that, as well as speaking, or reading, "writing is an activity that takes up other texts, that is, it goes back to other sayings." (ANTUNES, 2005, p. 32)." and it intends to demonstrate that intertextuality is an important linguistic and socio-discursive phenomenon, which leads the individual to use his knowledge of the world to establish semantic connections between different texts. For this, we believe in language studies based on textual genres, especially the media, to which language users are daily exposed. In this way, it is considered that intertextuality and interdiscursivity can significantly contribute to the promotion of socially relevant reading and writing practices that can be shared and carried out among the interlocutors. The objective, therefore, is to analyze some media texts (charges, memes and covers) that use intertextuality in different ways, at different levels, as a resource to impact their target audience.

Keywords: Intertextuality. Interdiscursivity. Textual genres. Reading.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1 DAS DEFINIÇÕES DE TEXTO, DISCURSO E TEXTUALIDADE | 13 |
| 2 A PRIMAZIA DA COERÊNCIA TEXTUAL SOBRE OS DEMAIS FATORES DE TEXTUALIDADE..... | 16 |
| 3 INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE..... | 21 |
| 4 A FUNÇÃO SOCIAL DOS GÊNEROS TEXTUAIS..... | 25 |
| 5 AS QUATRO METARREGRAS DE CHAROLLES..... | 28 |
| 6 O ESPAÇO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA | 30 |
| 7 CORPUS E ANÁLISE..... | 35 |
| 7.1 <i>Capas</i> | 35 |
| 7.2 <i>Memes</i> | 46 |
| 7.3 <i>Charges</i> | 54 |
| 7.4 <i>Pesquisa com Professores</i> | 64 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 68 |
| REFERÊNCIAS | 71 |

INTRODUÇÃO

A intertextualidade e a coerência textual são temas capazes de despertar muito o interesse de alunos e professores de Língua Portuguesa. Com o tempo de estudo e a prática em sala de aula, percebe-se como ambas estão conectadas e possuem, em muitos casos, uma relação de interdependência.

Apesar disso, não é comum observarmos o tratamento para com a intertextualidade como importante, e por vezes, fundamental fator de coerência textual. Não é novidade que muitos brasileiros têm grande dificuldade em interpretar e compreender textos, o que demonstra um trabalho com recursos linguísticos que auxiliam nesse processo de construção de sentido pouco eficaz.

Em alguns livros didáticos, por exemplo, quando a intertextualidade é abordada, costuma vir resumida em, no máximo, um parágrafo, demonstrada em uma ou duas referências a textos clássicos e, após isso, o assunto é encerrado. Assim, dificilmente se encontra um material em que coerência e intertextualidade sejam devidamente exploradas e reconhecidas, quando aparecem, costumam estar, inclusive, em capítulos apartados.

Não há mais possibilidades de justificarmos os problemas em compreender textos como falta de leitura, uma vez que os alunos e os brasileiros, de forma geral, demonstram estar constantemente lendo em seus aparelhos eletrônicos. Então, por que não aproveitar os textos midiáticos a que estamos expostos diariamente a fim de explorar esses importantes recursos linguísticos e oferecer ferramentas para que possam se tornar capazes de compreender e produzir bons textos?

A motivação desta dissertação encontra-se, portanto, na angústia e no desejo de oferecer, à intertextualidade, seu devido lugar de importância para a construção da coerência dos textos.

Geralmente, tem-se a impressão de que textos midiáticos costumam ser facilmente compreendidos pelos leitores, por serem atuais e estarem em frequente circulação. Se eles estiverem disponíveis na mídia virtual, esse pressuposto torna-se ainda mais próximo do que a maioria das pessoas acredita ser verdade. Convém destacar, então, o grande alcance da linguagem midiática no Brasil, o que reforça a contribuição que pode trazer, aos estudos de língua, o trabalho com esse material.

Além disso, muitos professores de Língua Portuguesa observam que os alunos podem demonstrar dificuldades ao tentarem compreender até mesmo esses textos, caso exijam um acervo cultural um pouco mais profundo e uma análise que vá além da superfície textual.

Assim, o principal problema que motiva a criação deste trabalho é o hábito reduzido de leitura fora do ambiente virtual das redes sociais, o que propicia o contato muito mais frequente dos alunos de ensino básico com produções escritas mais superficiais e que não exigem muita análise e reflexão por parte dos leitores. Por isso, além de ignorar, muitas vezes, as informações transmitidas através do interdiscurso, esse público encontra barreiras ao se deparar com textos que fazem uso de recursos como a intertextualidade, importante fator de coerência. A intertextualidade, como já mencionado, costuma ser tratada de forma superficial e pouco efetiva, apesar de sua grande contribuição para a construção de sentido dos textos nos quais aparece.

Muitos alunos do ensino básico pouco têm acesso a textos de qualidade se não for através da escola. Estão imersos no mundo virtual a maior parte do seu tempo, consumindo apenas o que se destaca nas redes sociais. Destarte, o texto midiático, gênero pelo qual as pesquisas a partir deste trabalho devem prosseguir, há muito é utilizado como fonte de estudo para diversos pesquisadores da área de língua portuguesa, pois se apresenta com uma linguagem cada vez mais rica e expressiva, no intuito de impactar significativamente os leitores, embora acessíveis no que concerne ao nível da linguagem.

Considera-se, de acordo com Koch e Elias (2006, p. 7), que o sentido do texto se constrói em sua interação com o sujeito leitor e que este tem grande importância como produtor de sentido no texto, à medida que faz uso de estratégias linguísticas e sociocognitivas de seleção, antecipação, inferência e verificação. Deste modo, ativam seu conhecimento de mundo na construção das possíveis leituras. Essa “bagagem” cultural é responsável pela compreensão dos sentidos criados por meio da relação entre discursos presentes em diversos textos midiáticos.

Esta dissertação tem por objetivo demonstrar o impacto da intertextualidade (e interdiscursividade) na coerência de textos midiáticos verbais e não verbais, os quais utilizam esses recursos para definirem seu público-alvo e impactarem seus leitores, criando uma afinidade (ou distanciamento) entre eles, à medida que se realizam (ou não), a partir dessa compreensão, os objetivos pretendidos pelo autor. Ademais, busca-se promover o estudo dos procedimentos linguísticos empregados para tal feito e reconhecer benefícios nas aplicações pedagógicas de textos que circulam na mídia. Para tanto, serão analisados textos de gêneros

mediáticos (capas de revista, *memes* e charges) e será feita uma pesquisa com professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II de escolas públicas e privadas a fim de se levantarem hipóteses sobre a possibilidade de pouca efetividade no trabalho com a intertextualidade e coerência em textos midiáticos. Nesta dissertação, cujo foco encontra-se em descrição da língua do programa de mestrado em língua portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pretende-se demonstrar, também, que os estudos nessa área podem contribuir com os aspectos abordados no ensino de língua materna, já que a sala de aula é um ambiente em que se observa a língua em uso e pode se tornar mais atrativo e proporcionar uma aprendizagem ainda mais significativa.

Na fundamentação teórica serão adotados o conceito de texto a partir da Linguística Textual, de uma concepção de base sociocognitiva-interacional, considerando-o como “lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos” (KOCH, ELIAS, 2006 p. 7) e o conceito de dialogismo por Bakhtin (1992) como uma propriedade essencial da linguagem. Segundo ele, a palavra é, inevitavelmente, atravessada pelo discurso do outro, caracterizando, assim, uma dialogização interna da linguagem.

Além disso, contaremos com a noção de interdiscursividade proposta por Fiorin (FIORIN, J.L., 2006); e ainda, a concepção de gênero textual de Luiz Antônio Marcuschi como “formas de ação social dinâmicas, flexíveis, culturais e cognitivas” (MARCUSCHI, 2011, p. 19), na qual o autor ressalta a importância e a necessidade de trabalhar a partir dos gêneros para analisar a língua em funcionamento, explorando, dessa forma, a dinamicidade, situacionalidade, historicidade e plasticidade dos gêneros para abordar sua relação com as práticas sociais, interesses, relações de poder, aspectos cognitivos e atividades discursivas e no interior da cultura.

No primeiro capítulo deste trabalho, apresenta-se uma breve definição de alguns autores a respeito dos conceitos de *texto* e *discurso*, antes de manifestar o que se considera como *intertexto* e *interdiscurso*. Ressalta-se, deste modo, a importância e o papel do texto nas mais diversas práticas sociais e discursivas. No capítulo seguinte, a partir das contribuições de Costa Val (2016) e Beaugrande e Dressler (1981) conceitua-se a textualidade, quais são os fatores fundamentais para que ela esteja presente e pretende-se demonstrar que a coerência possui um lugar de principalidade em relação aos demais princípios apresentados pelos autores. O terceiro capítulo traz a definição de intertextualidade e interdiscursividade, segundo os estudos de Bakhtin, Fiorin e outros autores, a fim de explorar que relação e

diferenças existem entre os dois preceitos e de que forma contribuem para possibilitar a construção de sentido nos textos.

Dando prosseguimento aos estudos do texto, o capítulo 4 explora a função social dos gêneros textuais e como são fundamentais para a inserção dos indivíduos nas mais diversas práticas sociais e discursivas, já que só nos comunicamos através deles. No quinto, utilizou-se a contribuição de Charroles (1997) e as quatro metarregras de coerência para confrontar com os estudos dos 7 fatores de textualidade e salientar que a coerência atua como o mais importante princípio para que se considere um texto como bem elaborado em vários aspectos.

Por fim, anteriormente à apresentação do *corpus* e análise, o capítulo 6 traz uma colaboração deste projeto de dissertação para os estudos de ensino de Língua Portuguesa, uma vez que as experiências da autora como professora possibilitaram as reflexões que deram início a esta pesquisa. Apresentar-se-ão, ainda, os resultados da pesquisa feita com professores de escolas públicas e privadas a respeito dos trabalhos com a intertextualidade e diversos gêneros midiáticos. Além disso, cabe ressaltar que neste trabalho, considera-se que as duas linhas de pesquisa (Descrição e Ensino) não se desvinculam e estão frequentemente presentes na prática dos estudiosos da linguagem.

1 DAS DEFINIÇÕES DE TEXTO, DISCURSO E TEXTUALIDADE

Em seu texto “Perspectiva Dialógica”, Beth Brait (2012) descreve a linguagem a partir da concepção de Bakhtin e seu círculo, sob a perspectiva dialógica, em que o texto é um “produto inacabado e coletivo da materialização linguística do pensamento.” (BAKHTIN, 2003, apud BRAIT; SOUZA E SILVA, 2012, p. 9). Assim, destaca do pensamento de Bakhtin que o texto só vive em contato com outro texto, ou seja, nenhum texto é autônomo e pode ser plenamente compreendido sozinho, por suas próprias partes e elementos linguísticos.

A definição de texto como “conjunto coerente de signos ideológicos” é defendida, então, pela análise bakhtiniana, considerando signo ideológico como elemento relacionado “a sujeitos social e culturalmente constituídos”. (BAKHTIN, 2003, apud BRAIT; SOUZA E SILVA, 2012, p. 9)

A despeito de uma definição clara de texto, Beth Brait demonstra que Bakhtin não trata o discurso da mesma forma. Para ele, o discurso deve ser estudado pela linguística (responsável pela distinção de significados) e pela metalinguística (sentidos construídos a partir da situação, de contextos e das esferas da comunicação), porque devem ser considerados aspectos internos e externos ao texto. Posteriormente, o autor substitui o termo “discurso” por relações dialógicas, afirmando que este é, por natureza, dialógico e propõe, novamente, o estudo do discurso a partir de perspectiva interna e externa.

Norman Fairclough, em “Discurso e Mudança Social”, explica discurso a partir de uma concepção tridimensional em que ele é visto como texto (análise textual e linguística), prática discursiva (produção, distribuição e consumo) e prática social (o que é produzido ativamente e compreendido com base em procedimentos do senso comum partilhados).

O autor apresenta que a Análise do Discurso Textualmente Orientada se preocupa com qualquer tipo de discurso da linguagem escrita ou falada e que Michel Foucault, no entanto, em algumas fases do seu trabalho, estava preocupado com o discurso das ciências humanas e não incluiu análise discursiva de textos reais. Apesar disso, destaca as duas principais contribuições teóricas de Foucault sobre o discurso. A primeira é que, para ele, o discurso constrói e constitui a sociedade em várias dimensões, nas relações sociais, nos objetos de conhecimento e nas formas sociais do “eu”.

Assim, elementos discursivos e não discursivos anteriores constituem regras de formação, de uma formação discursiva, que se articulam e fazem do discurso uma prática

social, denominada por Foucault de prática discursiva. Segundo ele, o discurso tem uma relação ativa com a realidade e contribui, portanto, para a formação, transformação e a reprodução dos objetos da vida social.

A segunda é a consideração de que existe uma relação de interdependência das práticas discursivas (primazia da interdiscursividade) de uma sociedade ou instituição, já que “os textos sempre recorrem a outros textos contemporâneos ou historicamente anteriores e os transformam” (primazia da intertextualidade) “e qualquer tipo de prática discursiva é definida pelas relações com outras práticas discursivas”.

Em síntese, Foucault apresenta discurso como “um conjunto de enunciados na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” e Fairclough defende o discurso como “prática política, ideológica que constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder.”

“Um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um “já-dito” em relação ao qual ele toma posição.” (MAINGUENEAU, 1976, p. 3). O autor considera que o interdiscurso precede o discurso; que cada discurso se refere a outro e que não é apenas um conjunto de textos, mas uma prática discursiva. Destaca também que existe uma semântica global em discursos que se materializam em vários gêneros e sistemas semióticos.

José Luiz Fiorin define texto como algo que não é um conjunto de frases, mas um todo organizado de sentidos, do plano da expressão e do sensível; e discurso como o que está implícito e anterior ao texto. Um material organizado de sentidos, do plano do conteúdo, do inteligível, ou seja, o texto é a materialização do discurso. Por isso, necessariamente, onde há texto, há discurso.

O autor também destaca que o discurso ganha sentido na relação com outros discursos. Essa relação interdiscursiva é o *dialogismo*, mencionado anteriormente. Não existe discurso fora das relações interdiscursivas. Assim, considera ser interdiscursividade quando a relação dialógica inerente aos textos não se materializa e intertextualidade quando essas relações se manifestam linguisticamente nos textos.

Maria da Graça Costa Val e outros estudiosos da Linguística Textual não diferenciam texto e discurso, a autora define texto ou discurso como “ocorrência linguística falada ou escrita de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa semântica e formal” (COSTA VAL, 2016, p. 4).

Entretanto, Fiorin destaca a importância da distinção dos dois conceitos, uma vez que os processos de discursivização são diversos dos de textualização. Segundo o autor, o discurso é do plano do conteúdo, do domínio do inteligível, enquanto o texto é a manifestação do discurso por meio do plano da expressão, da ordem do sensível, o texto pressupõe o discurso porque aquele não existe sem este.

2 A PRIMAZIA DA COERÊNCIA TEXTUAL SOBRE OS DEMAIS FATORES DE TEXTUALIDADE

Antunes (2009, p. 50) considera a textualidade como “aquilo que dá sentido global ao texto e o faz ser reconhecido como categoria textual.” No mesmo sentido, Costa Val (2016, p. 5) define textualidade como um conjunto de características que faz uma produção escrita ser, de fato, um texto e não um grupo de frases soltas. Segundo a autora, a partir do final dos anos 1960, houve mais interesse nos estudos sobre os princípios constitutivos do texto e os fatores envolvidos em sua produção e recepção. Concomitantemente a isso, no campo da Linguística, ganharam destaque estudos voltados para fenômenos que ultrapassam os limites da frase, como o texto e o discurso. Costa Val (2016) relatou a existência de três momentos tipológicos de estudo do texto na linguística textual.

O primeiro caracteriza-se pela análise "transfrástica", com atenção voltada para as relações entre os enunciados de uma sequência, demonstrando interesse em explicar o emprego do artigo e a correlação entre os tempos e modos verbais, por exemplo. O segundo surgiu a partir da necessidade de ultrapassar os limites da frase, analisar os enunciados e perceber que o texto deve ser visto como uma unidade lógico-semântica. Destarte, Costa Val destaca que: “um texto é mais do que uma sequência de enunciados concatenados, sua significação é um todo, resultante de operações lógicas, semânticas (e pragmáticas) que promovem a integração entre os significados dos enunciados que o compõem” (COSTA VAL, 1999, p. 3).

No terceiro momento tipológico, por fim, a autora sinaliza que o texto é visto como um acontecimento social, que não se encerra nele mesmo, mas se produz na relação desse texto com o contexto em que ele ocorre, nas ações que, por ele, os falantes realizam.

Assim, para alcançar a textualidade, além da coerência e da intertextualidade, Beaugrande e Dressler (1981) também apontam como fatores responsáveis, a coesão (manifestação linguística da coerência, através de conceitos expressos na superfície textual); a intencionalidade (refere-se ao empenho do produtor em construir um texto capaz de satisfazer seus objetivos); a aceitabilidade (relacionada às expectativas e o esforço do receptor para que um texto seja coeso, coerente e relevante); a situacionalidade (adequação do texto à situação sociocomunicativa) e a informatividade (relacionada ao uso de informações novas ou já conhecidas pelo interlocutor).

É sabido que a definição de língua e de linguagem que assume para si um professor norteará sua caminhada em sala de aula, a escolha das metodologias com as quais trabalha e a forma como entende e aplica conceitos essenciais como a coerência e textualidade. Segundo Marcuschi (2008), “a língua não é um depósito de conhecimento, mas é um guia que permite elaborar caminhos cognitivos nas atividades linguísticas” (MARCUSCHI, 2008, p. 120).

Nesse sentido, observa-se que não é raro encontrar situações em que os professores de Língua Portuguesa devolvem o texto ao aluno notificando-o de que o texto é incoerente. Faz-se necessário refletir, então, sobre o que é um texto incoerente, se ele de fato existe e qual a relação dos demais fatores de textualidade para que se alcance o que se espera de um texto coerente.

Koch (2018) salienta que a coerência textual precisa ser compreendida “como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade do receptor de calcular seu sentido” (KOCH, 2018, p. 21). A coerência acontece, desta forma, na interlocução entre o produtor e o receptor do texto, por meio de processos cognitivos operantes. Assim, esse conceito se relaciona a uma formação textual por meio da qual se permita chegar ao sentido do texto e descobrir qual é esse sentido; definição que ultrapassa a noção de gramaticalidade postulada pela gramática gerativa transformacional restrita ao nível da frase.

A autora afirma, portanto, que a incoerência, característica que geralmente se atribui a textos sem a continuidade que contribua para se chegar a um sentido global, depende não só da combinação de elementos linguísticos no texto, mas também de “conhecimentos prévios sobre o mundo e do tipo de mundo em que o texto se insere, bem como o tipo de texto” (KOCH, 2018, p. 10).

Quem produz um texto tem sempre uma intenção comunicativa e o receptor, durante a leitura, ativa seus conhecimentos prévios de modo a trazer saberes pertinentes à construção do mundo textual, criando, entre os dois, uma relação cooperativa a fim de se estabelecer uma unidade de sentido a partir da interação entre os componentes daquela unidade linguística.

Van Dijk e Kintsch (1983) *apud* Koch e Travaglia (2018) subdividem a coerência, primeiramente, em local e global. Aquela relacionada a partes menores do texto, como frases, ou sequência de frases proveniente do uso adequado de elementos linguísticos; e esta se referindo ao texto em sua totalidade. Posteriormente, mencionam outros diversos tipos de coerência: semântica (relacionada ao sentido estabelecido entre sequências do texto ou entre esses elementos e o texto como um todo), sintática (meios sintáticos para alcançar a coerência

semântica (aspecto de coesão), estilística (uso de elementos pertencentes ao mesmo estilo ou registro linguístico) e pragmática (texto visto como uma sequência de atos de fala que satisfaçam as mesmas condições pertencentes a uma dada situação comunicativa).

Esta subdivisão corrobora a visão de Koch e Travaglia (2018) defendida neste trabalho de que a coerência é o resultado da ação de todos esses níveis – semântico, pragmático, estilístico e sintático – de sua influência para estabelecer a unidade de sentido do texto e de que, para a construção da coerência, além de fatores linguísticos, são necessários outros nas esferas discursiva, cognitiva, cultural e interacional. Assim, de acordo com os autores, não classificamos um texto como incoerente em sua totalidade, mas que pode ser incoerente para determinada situação comunicativa.

Koch e Travaglia (2018) citam também, além dos princípios da textualidade já mencionados neste trabalho, o conhecimento de mundo, o conhecimento partilhado, as inferências, os fatores de contextualização, a focalização, a consistência e a relevância como fatores determinantes para a construção da coerência textual. É de suma importância, para este trabalho, descrever esses fatores mencionados pelos autores e como contribuem para esse fim.

De conhecimento de mundo, chama-se o conjunto de saberes que um indivíduo adquire ao longo de sua vida, com as experiências que tem em contato com a realidade que o cerca. Segundo Koch e Travaglia (2018), este conhecimento é arquivado na memória em blocos que se denominam *modelos cognitivos* que se subdividem em: *frames* (conhecimentos agrupados sob um determinado rótulo, sem uma ordenação entre eles, p. ex.: festa, bolo, bola, convidados etc.); esquemas (aprendizagens armazenadas em sequência temporal ou causal, p. ex.: um dia na vida de um cidadão comum); planos (como agir para atingir um determinado propósito, p. ex.: como pagar uma conta no banco); scripts (informações sobre maneiras de agir altamente estereotipadas em dada cultura, inclusive em termos de linguagem, p. ex.: missa, batismo) e as superestruturas ou esquemas textuais (conjunto de saberes sobre os diversos tipos de textos). Além disso, existe o conhecimento científico, que deve ser aprendido nos livros e na escola.

Os autores destacam que é a partir de nosso conhecimento de mundo que é possível construir um modelo do mundo representado em cada texto (universo ou modelo textual) com o qual verificamos a correspondência entre este e o mundo real para estabelecermos a coerência.

O conhecimento partilhado diz respeito aos conhecimentos comuns entre o locutor e o interlocutor, quanto maior for essa parcela, menor será a necessidade de explicitude do texto.

É fundamental que haja um equilíbrio entre a informação dada e a nova trazida pelo texto (grau de informatividade) para que seja possível o processamento cognitivo que preencha o propósito comunicativo do texto.

Entende-se inferência como o processo por meio do qual o leitor/ouvinte estabelece uma relação entre dois elementos do texto que busca compreender a partir dos conhecimentos necessários para a sua compreensão.

Os fatores de contextualização são aqueles que enquadram o texto a uma determinada situação comunicativa. Marcuschi (1983) os divide em dois tipos: os contextualizadores propriamente ditos, entre os quais estão: data, horário, local etc., que ajudam a situar e, deste modo, estabelecer a coerência do texto; e os perspectivistas ou prospectivos, que avançam expectativas sobre conteúdo e forma do texto, como o título, autor, início do texto. Os fatores de contextualização são valiosos para o estabelecimento da coerência do texto porque permitem que o leitor formule hipóteses sobre seu conteúdo e esse processo faz com que Koch e Travaglia (2018) equiparem a leitura do texto a uma atividade cooperativa de solução de problemas.

Koch e Travaglia (2018) definem a focalização como um recurso que se refere à concentração do produtor e receptor do texto e à perspectiva de como são percebidos os elementos pertencentes ao mundo textual. Ambos atuam na cooperação dos mecanismos de produção e interpretação do texto como se estivessem focalizados de forma semelhante. A focalização relaciona-se, também, ao conhecimento de mundo e ao conhecimento partilhado entre os usuários e pode afetar o estabelecimento da coerência, já que pode determinar leituras sob diferentes pontos de vista. Por meio dela, permite-se depreender o sentido de palavras e frases em uma situação específica e a escolha adequada de certos elementos linguísticos, segundo os propósitos do produtor. As expressões definidas, ou seja, grupos nominais introduzidos por artigos definidos ou pronomes demonstrativos, bem como o título do texto, funcionam como importantes meios de evidenciar a focalização, segundo os autores, já que ativam e selecionam conhecimentos de mundo que conduzirão a leitura e possibilitarão que os leitores avancem expectativas sobre o conteúdo do texto.

A consistência exige que os enunciados de um texto não sejam contraditórios, ou seja, sejam consistentes com os anteriores, “dentro de um mesmo mundo ou dentro dos mundos representados no texto” (KOCH; TRAVAGLIA, 2018, p. 99). Essa condição relaciona-se à metarregra da não contradição proposta por Charroles (1983) que será abordada posteriormente neste trabalho. Com relação à relevância, pode-se dizer que é um princípio que

determina que os enunciados que compõem o texto sejam relevantes para um mesmo tópico discursivo subjacente, isto é, que dialoguem sobre o mesmo tema.

Em decorrência dos fatores apresentados, os autores salientam que “a coerência não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si...e que se constrói na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta.” (KOCH; TRAVAGLIA, 2018, p. 100)

Para Charolles (1997), a coerência pode ser vista como uma premissa da interpretação do discurso e das ações humanas. Segundo ele, trata-se de uma série de atos de enunciação que interdependem uns dos outros, tornando-se um todo de sentidos compreensíveis. Por isso, depende, além de fatores léxico-gramaticais, de “atividades linguísticas, cognitivas e interacionais integradas e convergentes” que possibilitem ou facilitem a construção de sentidos partilhados (MARCUSCHI, 2008, p. 121).

A partir de tudo o que foi apresentado, pretende-se salientar, com este trabalho, que a coerência textual providencia a continuidade de sentido do texto, que ela se dá de maneira cognitiva, pragmática e não empírica. Não estará, portanto, marcada necessária e explicitamente no texto e será edificada em processos para além da superfície textual, já que é “uma atividade interpretativa e não uma propriedade imanente ao texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 121). Além disso, pretende-se defender sua principalidade sobre os demais fatores de textualidade, uma vez que todos existem em função da construção de sentido do texto e, deste modo, da própria coerência. Segundo Marcuschi (2008, p. 122), a coerência “é um aspecto fundante da textualidade e não resultante dela. Esse pressuposto também demonstra como a coerência é muito mais abrangente que os demais fatores e não se encontra, portanto, no mesmo patamar que eles.

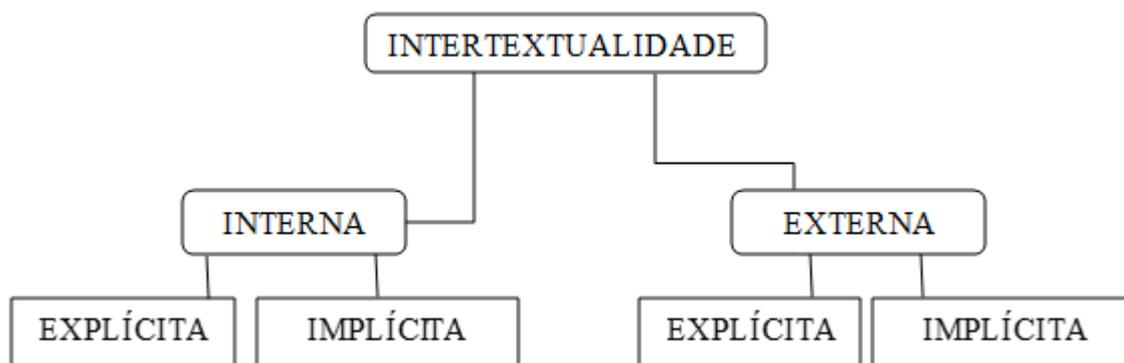
3 INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE

“A palavra *intertextualidade* foi uma das primeiras, consideradas como bakhtinianas, a ganhar prestígio no Ocidente. Isso se deu graças à obra de Júlia Kristeva. Obteve cidadania acadêmica, antes mesmo de termos como *dialogismo* alcançarem notoriedade na pesquisa linguística e literária” (FIORIN, 2006, p. 161).

De acordo com Fiorin (2006), como o texto é manifestação do discurso, não é necessário que ele mantenha relações dialógicas explícitas com outros textos. Contudo, quando isso acontece, se denomina intertextualidade. Ou seja, o autor define intertextualidade como a relação entre discursos que é materializada em textos. Quando essa manifestação não acontece, tem-se apenas a interdiscursividade, uma vez que, qualquer discurso surge a partir de discursos anteriores, “essa relação interdiscursiva é o *dialogismo*”, proposto por Bakhtin. Destarte, Fiorin destaca que “a intertextualidade” pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas o contrário não é verdadeiro.

Laurent Jenny apud Valente (2002) subdivide a intertextualidade em Interna, aquela em que o autor cita a si próprio e a Externa, quando o autor cita outro (s) autor (es). Valente (2002) a desmembra ainda em Explícita, quando a citação acontece na íntegra; ou Implícita, se a citação for parcial ou modificada e observa que a Intertextualidade Externa é mais utilizada que a Interna, e a Implícita mais complexa que a Explícita. Essa diferenciação pode ser ilustrada pelo esquema a seguir:

Tabela 1



Fonte: A autora, 2021.

Segundo Beaugrande/Dressler e Maria da Graça Costa Val, a intertextualidade é um dos sete princípios ou fatores de textualidade, que, segundo Costa Val, “é um conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não apenas uma sequência de frases” (COSTA VAL, 2016, p. 5).

Costa Val (2016) aponta que, para um texto ser bem compreendido, é necessário que se considerem três aspectos: o pragmático, que se refere ao seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa; o semântico-conceitual, de que depende sua coerência; e o formal, relativo à sua coesão.

A autora destaca ainda que a coerência é um fator fundamental da textualidade, uma vez que é responsável pelo sentido do texto e envolve não só aspectos lógicos e semânticos, como também cognitivos, uma vez que depende do conhecimento partilhado entre os interlocutores.

Neste trabalho, pretende-se demonstrar que a intertextualidade, além de ser um princípio da textualidade, é também um fator de coerência, uma vez que quem o desconhece, encontra obstáculos para a compreensão dos textos. Laurent Jenny *apud* Valente (2002) ressalta: “(...) a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando do sentido” (VALENTE, 2002, p. 181).

Koch (2016) explica que todo texto se relaciona com seu exterior e, evidentemente, com outros textos desse exterior com os quais dialoga ao retomá-los, aludi-los, ou se opor a eles. Por essa razão, segundo a autora, Beaugrande e Dressler (1981) apontaram a intertextualidade como um dos fatores de textualidade, assunto que será desenvolvido posteriormente neste trabalho.

Segundo os autores, a intertextualidade se refere aos modos como a produção e recepção de um texto dependem do conhecimento com quais ele, de alguma forma, se relaciona. Costa Val (2016) sinaliza, portanto, que a intertextualidade, assim como a informatividade, diz respeito, também à matéria conceitual do discurso, uma vez que lida com conhecimento partilhado pelos interlocutores, ao mesmo tempo que contribui para a pragmática do texto, ao conferir-lhe interesse e relevância. Portanto, pode ser situada tanto no plano sociocomunicativo, como no semântico-conceitual.

Fairclough (2001) define a intertextualidade como a propriedade dos textos possuírem fragmentos de outros textos e serem capazes de assimilar, contradizer, ironizar e sempre modificar de alguma forma o texto fonte ao qual correspondem. Ele considera que a perspectiva intertextual é útil em termos de distribuição e consumo. Naquele aspecto, sua utilidade está na possibilidade de exploração de redes relativamente estáveis, que se transformam e se modificam de um tipo de texto a outro. E, neste, é útil ao acentuar que a interpretação é construída a partir, não só do texto e intertextos que o constituem, mas também de outros textos que os interlocutores trazem ao processo de interpretação.

O autor faz também a distinção entre a “intertextualidade manifesta” e a interdiscursividade (ou “intertextualidade constitutiva”). Aquela se refere, explicitamente, a outros textos através de uma “constituição heterogênea” de elementos linguísticos. Esta se trata da “constituição heterogênea de textos por meio de elementos das ordens de discurso.” Ou seja, a intertextualidade é a interdiscursividade materializada no texto.

Assim, Koch (1986) distingue intertextualidade em sentido amplo e em sentido restrito. Em sentido amplo, se denomina, segundo ela, sob a perspectiva da Análise do Discurso, interdiscursividade ou intertextualidade constitutiva, conceito já mencionado acima. Nessa perspectiva, Maingueneau (1976, p. 39) afirma que um intertexto é um componente decisivo das condições de produção: “um discurso...constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição”. Da mesma forma, Pêcheux (1969) *apud* Koch (2016) afirma que “um discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio...”.

Koch (2016) descreve ainda o conceito de intertextualidade profunda, na qual o estudo de textos mediadores, que não aparecem na superfície do discurso, mas funcionam como momentos ou etapas de produção, pode oferecer esclarecimentos fundamentais no processo de leitura e recepção. Ademais, que um texto não tem propriedades ‘em si’: caracteriza-se somente por aquilo que o diferencia de outro texto. Por meio dessa comparação, a autora afirma que é possível detectar também propriedades formais ou estruturais comuns a

determinados gêneros ou tipos (intertextualidade de caráter tipológico). Percebe-se, deste modo, como o estudo da intertextualidade é importante para o trabalho a partir da leitura e produção dos diversos gêneros textuais, já que, como afirma Kristeva (1974, p. 60), “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de outro texto”.

Koch (2016) considera a intertextualidade em sentido restrito à relação de um texto com outros textos efetivamente produzidos, que pode ser construída a partir da associação com a forma/conteúdo de forma explícita ou implícita, como já foi mencionado; ou fundamentada nas semelhanças, como estratégia argumentativa; ou diferenças, como nas paródias e ironia.

Diversos textos utilizados neste trabalho dialogam por tratarem do mesmo tema, ou seja, fazem uso da intertextualidade temática, que consiste na abordagem de um mesmo assunto encontrado em textos que pertencem a uma mesma área de conhecimento. Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 18-19) acrescentam que esse tipo de intertextualidade também pode ser encontrado, por exemplo, em histórias em quadrinhos de um mesmo autor; entre matérias de jornais de um mesmo dia, durante um certo período em que determinado tema é considerado em foco, entre outros.

4 A FUNÇÃO SOCIAL DOS GÊNEROS TEXTUAIS

É sabido, segundo estudos de acordo com a teoria bakhtiniana, que todos os campos da atividade humana estão relacionados ao uso da linguagem. Então, na relação dialógica de interação verbal, em forma de enunciados orais, escritos por meio da seleção de recursos linguísticos e estruturais, cada campo de atuação da língua elabora modelos relativamente estáveis de enunciado denominados de gêneros do discurso, já mencionados neste trabalho, a fim de atender a objetivos situacionais específicos.

Segundo Bakhtin (2003), a característica substancial do enunciado é o fato de que é criado para dirigir-se a alguém, está, portanto, voltado para um destinatário e ele é um fator essencial para a escolha tanto do gênero, quanto dos procedimentos e dos recursos linguísticos a partir dos quais se pretende estabelecer uma comunicação com o outro. Assim, o falante cria uma imagem do interlocutor e uma série de expectativas que orientarão suas escolhas discursivas.

Nesse sentido, o autor afirma que “ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado” sem a qual ele não poderia e não pode existir. (BAKHTIN, 2000, p. 325). Ademais, são as variadas formas de se estabelecer uma comunicação com o receptor e as diversas maneiras de concebê-lo que atuam na determinação da diversidade dos gêneros do discurso.

Dessarte, a infinidade de gêneros existentes se deve às inesgotáveis possibilidades discursivas que surgem de tempos em tempos, de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes, nas diversas esferas da atividade humana. As vontades discursivas de cada indivíduo se definem, realizam e desenvolvem, primeiramente, na escolha de certo gênero do discurso. Portanto, o ser humano só se comunica por meio do rico repertório de gêneros orais e escritos de que dispõe, às vezes com estruturas mais rígidas e padronizadas e outras, com formas mais criativas e flexíveis.

Bakhtin (2003) salienta que o discurso é a língua “*in actu*”, possui natureza histórica, sociointeracional, ideológica e linguística relativamente estável, além de ser essencialmente dialógico e tão social quanto a própria língua.

É fundamental, desse modo, considerar os gêneros como parte constitutiva da sociedade e ser capaz de dominá-los para conseguir empregá-los com liberdade, clareza e eficiência. Nesse sentido, segundo Marcuschi (2008), os gêneros são instrumentos globais de

ação social e cognitiva, são um “artefato cultural importante como parte integrante da estrutura comunicativa da sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 22) e, por isso, quando se domina um gênero, há o domínio não só sobre uma forma linguística, mas também sobre um meio de realizar, linguisticamente, objetivos específicos em situações sociais particulares, uma vez que, segundo o autor, os gêneros “são formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos” (Idem, 2008, p. 22).

Ademais, o autor reitera que cada gênero possui sua forma, estilo, conteúdo e função específicos, mas está, nesse último item, sua característica mais importante. Assim, o propósito de cada gênero é o responsável por sua determinação e por inseri-lo na esfera de circulação correspondente a ele. Os gêneros textuais materializados em textos com os quais se realizam as infinitas situações comunicativas no dia a dia possuem, então, objetivos enunciativos que operam por meio da incorporação de características históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Dessa forma, o conhecimento amplo acerca dos gêneros impõe restrições e padronizações, uma vez que apresentam estilos, finalidades e composições funcionais específicos. Outrossim, possibilita grande variedade de escolhas criativas e bem definidas para que o indivíduo seja capaz de posicionar-se de forma adequada nas mais variadas circunstâncias da vida cotidiana.

Segundo Bazerman (2006), gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar (p. 23).

Por isso, os gêneros devem ser vistos e estudados respeitando sua identidade, levando em consideração toda a sua dinamicidade e priorizando seus aspectos sociocognitivos, já que, segundo Miller (2009), atuam como formas culturais e cognitivas de ação social, uma vez que representam ação e devem envolver situação e motivação, pois, segundo a autora, somente num contexto e por intermédio de motivações, as ações humanas são interpretadas.

Dessa forma, a autora salienta que ao “construir discursos, lidamos com propósitos de diferentes níveis, não apenas um. Aprendemos a adotar motivações sociais como modo de satisfazer intenções particulares através de ação retórica” (MILLER, 1984, p. 36).

Além disso, a recorrência é outro fator importante para fundamentar esse conceito de gênero como ação social. Sob esse aspecto, os gêneros são ações retóricas tipificadas que surgem a partir de situações comunicativas recorrentes, denominadas de “constructos sociais”, que ajudam a construir a vida cultural. A autora afirma ainda que o gênero está localizado não no artefato textual em si, mas na percepção do criador e do receptor a respeito da situação comunicativa. Destarte, é a partir dela e para ser capaz de agir nela que os conhecimentos linguísticos e textuais devem ser desenvolvidos.

Outrossim, Miller (2009) ressalta que os gêneros emergem historicamente, são socialmente praticados e distribuídos e devem ser considerados uma categoria de reconhecimento social e psicossocial. Deve-se compreender, nesse sentido, que, quando os contextos, as mídias e as necessidades comunicativas mudam, os gêneros acompanham essas mudanças e que o conhecimento sobre gêneros anteriores oferece ferramentas para que os usuários sejam capazes de se engajar em qualquer forma de ação que possa surgir a partir de novos gêneros.

Por fim, tanto Bazerman (2006), como Miller (2009) consideram a importância da cultura para a compreensão dos gêneros como forma de ação social, já que, apenas por meio deles, o comportamento cultural, historicamente em evolução, é manifestado em conceitos, histórias, tradições, formas de comunicação disponíveis e todos os modos de se realizar a interação entre os indivíduos.

5 AS QUATRO METARREGRAS DE CHAROLLES

Charolles (1997) considera que a base do texto é de natureza lógico-semântica. Desse modo, suas relações conectivas se manifestam a partir da ordenação de seus constituintes frásticos, sequenciais e textuais sobre os quais agem as regras de coerência. Segundo o linguista, a coerência se define como uma relação mútua entre os níveis micro e macrolinguístico, responsáveis pelo sentido do texto.

Ele defende que não é possível separar, rigidamente, o semântico do pragmático como fazem algumas gramáticas de texto. Deste modo, considera que não vale a pena diferenciar coesão e coerência. Para ele, no entanto, a fim de se atingir a boa formação de um texto, alguns princípios básicos precisam ser respeitados. A partir disso, criou as quatro metarregras que, apesar de não serem suficientes, auxiliam a validar um texto (micro e macroestruturalmente) como coerente. São elas: a da repetição, a da progressão, a da não contradição e a da relação.

A primeira postula que são necessários – ainda que não suficientes – elementos no texto que retomem um termo, ou uma sequência, relacionando suas partes e possibilitando seu desenvolvimento linear. O texto deve apresentar a permanência de elementos constantes em seu desenvolvimento, para que se torne contínuo. Essa retomada pode ser feita através de repetições, substituições, referências dêiticas, entre outros. Tanto no plano conceitual, quanto no linguístico, as retomadas devem fazer parte da construção do texto para que haja uma unidade que contribua para sua coerência.

Na metarregra da progressão, o autor destaca que é fundamental a inserção de informações novas em um texto. A mensagem não pode, segundo esse preceito, circular em torno das mesmas ideias, sem que algo novo seja proposto pelo autor. Entretanto, é necessário que haja um equilíbrio entre informações novas e o conhecimento partilhado, para que o texto não se torne incompreensível. Essa metarregra se relaciona, assim, ao fator da informatividade proposto por Beaugrande e Dressler (1981), já mencionado neste trabalho.

No princípio da não contradição, explica-se sobre a incoerência que a contradição (não intencional) de informações escritas ou de ideias construídas a partir de inferências pode causar em um texto. Assim, para que não se prejudique a semântica global do texto, nenhum elemento semântico ou gramatical pode contradizer, implícita ou explicitamente, qualquer ocorrência textual mencionada anteriormente. O importante é que possíveis incoerências que

possam aparecer sejam analisadas a fim de se levar em consideração as condições de produção do texto, bem como sua intencionalidade, antes de, simplesmente, classificá-lo como incoerente.

Na última metarregra, se estabelece que o conteúdo do texto deve estar em harmonia com o mundo real, ou com mundos possíveis. Ou seja, tudo deve estar de acordo, relacionado de forma pertinente, aos fatos anunciados naquela construção. Este princípio se relaciona à metarregra anterior, à medida que propõe que, para que haja coerência, devem acontecer relações lógicas entre o que está expresso ou sugerido no texto.

O autor considera que este princípio não precisa ser estabelecido, necessariamente, com mecanismos linguísticos formais, pode acontecer apenas no plano lógico-semântico-conceitual, ou seja, da coerência. Esta metarregra garante, então, que os fatos e conceitos apresentados se organizem, encadeiam, exerçam papéis e assumam valores uns em relação aos outros.

Essa teoria tem sua aplicação teórica utilizada neste trabalho a fim de reiterar a principalidade da coerência sobre os demais fatores da textualidade. Uma vez que se considera que a coerência do texto é global, todos os fatores estão a seu serviço e todo o esforço linguístico e pragmático existe com o objetivo de alcançá-la.

6 O ESPAÇO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A Linguística Textual orienta para que se desenvolva, em sala de aula, um trabalho que tenha como ponto de partida a análise de diversos gêneros textuais, uma atividade diferenciada que leve em consideração o domínio social no qual o gênero se insere, sua finalidade, sua função primordialmente comunicacional, sua estrutura composicional, seu estilo e todas as características desse artefato social que viabilize o desenvolvimento de habilidades e competências comunicativas.

Nesse sentido, devem-se levar em consideração os gêneros que os alunos já conhecem, com os quais já mantêm contato diariamente para construir conhecimento a partir deles e, assim, poder apresentar gêneros novos. Com a revolução digital atual e o acesso à informação cada vez mais facilitado, não é raro encontrar, na mídia, textos criados a partir da intertextualidade e interdiscursividade em jornais, revistas, propagandas, tirinhas, charges, *memes* etc. De acordo com Marcuschi (2005), a tecnologia propicia o surgimento de novos gêneros, entretanto, muitos deles sofrem apenas adaptações por influência da denominada cultura eletrônica que se vivencia atualmente.

Marcuschi (2005, p. 19) define os gêneros como “eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”. Destaca ainda que surgem a partir das necessidades comunicativas, inovações tecnológicas e atividades socioculturais. O autor explica também que se originam e integram-se ao meio social em que se desenvolvem. Na mesma obra, o autor também aborda o conceito de “transmutação” proposto por Bakhtin, no qual um gênero é assimilado por outro, formando novos. Dessa forma, torna-se claro compreender por que Marcuschi (2005) ressalta que a produção e interpretação de textos não é uma tarefa simples, já que se trata de um processo de codificação e decodificação de atividades inferenciais.

Antunes (2005) sinaliza, no entanto, que, apesar dessa dificuldade em decodificar e compreender textos verbais e não verbais, algumas pesquisas demonstram a irregularidade de atividades de leitura no ensino de Língua Portuguesa em algumas escolas. Assim, com a obrigatoriedade de seguir com os conteúdos e não poder “atrasar” o programa, alguns professores abrem mão dos textos e de trabalhar com a língua em uso, sendo um hábito o trabalho com recortes, frases soltas e um ensino que priorize a gramática descontextualizada. Essa postura das escolas, segundo a autora, tende a deixar para os alunos o desinteresse pela

leitura, a falta de tempo para ela em sua rotina, assim como é na escola, e a ausência de condições para que se desenvolvam tais competências.

Portanto, essa falta de hábito de leitura na rotina dos alunos ocasiona, dentre outros problemas, um acervo cultural bastante reduzido, o que afetará sua relação com outros textos. Diante disso, é fundamental salientar que “escrever é uma atividade que retoma outros textos, isto é, que remonta a outros dizeres” (ANTUNES, 2005, p. 32). Ou seja, no ato de escrever e de compreender um texto, os leitores reconhecem características de outro, utilizado como fonte. Essa relação de sentidos que se estabelece entre os enunciados, intitulada por Bakhtin (1992) de dialogismo, foi posteriormente denominada intertextualidade, quando é materializada linguisticamente nos textos.

Nesse sentido, Guimarães (2009) orienta para uma análise da língua como um processo textual e discursivo, com um ensino contextualizado de gramática, que implica a leitura do texto considerando os recursos linguísticos utilizados pelo autor para criar sentido naquela obra e naquela situação de produção e recepção.

Para isso, segundo a autora, a linguagem precisa ser encarada “não como uma tradução de pensamentos ou de conhecimento de mundo, nem como um conjunto de figuras retóricas, mas, sim, como um fenômeno social de interação verbal, realizada por meio da enunciação ou das enunciações” (GUIMARÃES, 2009, p. 95).

Desse modo, a autora destaca o caráter instrumental da língua como veículo no processo de comunicação, ressaltando a percepção da linguagem como forma de ação, interação entre sujeitos que atuam uns sobre os outros, estabelecendo relações contratuais, causando efeitos e desencadeando reações.

Partindo, então, desse princípio, sabe-se que, de acordo com a teoria da comunicação em Jakobson (1973), qualquer ato de comunicação depende de seis fatores: emissor, receptor, código, mensagem, contexto e canal. Segundo o autor, denomina-se ruído, nesse processo, quando interferências de qualquer ordem prejudicam a transmissão da mensagem. Logo, é essencial, para que a comunicação aconteça, que o enunciador e receptor da mensagem estejam cientes de seu papel no contexto comunicativo.

Sendo assim, segundo essa teoria, há a necessidade de que a mensagem considere, além do contexto em que se opera a comunicação, as características socioculturais do alocutário, uma vez que a linguagem é, como já foi dito, lugar de interação, um modo de produção social.

Para Bakhtin (2003), o princípio da interação verbal enseja a percepção dos graus de aproximação e distanciamento entre os interlocutores da ação comunicativa e a noção de seus papéis sociais na organização dos discursos. Nessa perspectiva, considerando o caráter social da linguagem, o texto, por meio dos gêneros textuais escolhidos, é o lugar, o processo e o produto por meio do qual essa interação acontece. Devido a isso, segundo Miller (1994), o gênero deve proporcionar, ao aluno, formas para participar das ações em comunidade.

Miller (2009) destaca, também, que os conhecimentos sobre tipificação dos gêneros auxiliam na percepção desses artefatos culturais como uma questão de acordo social. A autora os define como coleções percebidas de enunciados, com começo, meio e fim, que ocupam lugar definido no tempo, no espaço, sinalizam padrões socialmente perceptíveis e determinados e são portadores de sentido referente ao ambiente social, material e histórico. Ela considera relevante, ainda, para o ensino de língua materna baseado em sua teoria sobre os gêneros, levar em consideração a interação entre cognição e gênero, ou seja, como o cérebro se configura em torno de um contexto discursivo para responder, de maneira ordenada, ao ambiente social, material e histórico e de que forma o sujeito cognitivo é socialmente moldado.

Assim, orienta-se para o trabalho com os gêneros no ensino como ação social motivada, dessa forma, o aluno será capaz de moldar o sentido e se empenhar para criá-lo da melhor maneira. Para isso, os professores devem criar situações motivadoras com gêneros textuais significativos, sempre levando em consideração os gêneros que os estudantes já conhecem e com os quais já estão familiarizados para fazê-los tomar consciência das tipificações sociais próprias do mundo como conhecem para assessorá-los a alcançar a efetividade comunicativa.

Indo além, o ensino de língua materna por intermédio dos gêneros fornece subsídios para que sejam capazes de se colocarem nas diversas situações de comunicação e os auxilia a serem criativos, imaginativos e empáticos, além de possibilitar compreenderem as diversas possibilidades de sentido das situações às quais são apresentados.

Por fim, Bentes (2011, p. 104) afirma que:

O domínio dos diferentes gêneros pode auxiliar o aluno a ser o legítimo “dono” de sua fala, ou seja, pode levar o aluno a ocupar, com maior consciência, os diferentes lugares a partir dos quais pode falar e escrever. (...) Além disso (...) poderá exercitar tanto a reprodução dos gêneros, como também reinventá-los por meio do exercício de práticas de linguagem significativas proporcionadas na/pela escola, durante as atividades de ensino/aprendizagem de língua portuguesa e de outras disciplinas.

Portanto, com o intuito de trazer uma contribuição acerca dos estudos linguísticos e a fim de se levantarem hipóteses sobre a possibilidade de que possa haver pouca efetividade no trabalho com a intertextualidade e a coerência em textos midiáticos, realizou-se, em 2020, uma pesquisa com 60 professores da cidade do Rio de Janeiro, dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), dos quais 30 trabalham na rede pública de ensino; 21, na rede privada e 9 em ambas as instituições. Desses profissionais, 9 alegaram ter somente graduação, 35 afirmaram possuir alguma especialização, 12 disseram ter mestrado e 4 declararam ter doutorado.

Uma das primeiras perguntas feitas a eles foi: a Linguística Textual aponta que muitos professores de LP costumam trabalhar questões que utilizem o texto como pretexto, apenas para localização ou classificação de elementos gramaticais. Qual a frequência dessa prática em suas aulas? Sobre isso, 36 entrevistados responderam que, às vezes, trabalham dessa forma; 16 disseram que raramente; 4 afirmaram que sempre e 4 declararam que nunca agem assim.

Em seguida, lhes foi perguntado se existia grande variedade de gêneros no material didático com os quais trabalhavam. 47 pessoas responderam que sim e 13, que não. Depois, foi feita a pergunta: geralmente, a intertextualidade pouco aparece nos livros didáticos. De que forma esse recurso foi trabalhado em suas aulas no ano de 2019? Nesse caso, 30 docentes informaram que a intertextualidade foi abordada de forma insuficiente, apenas com a identificação do mesmo assunto em diferentes textos ou a percepção da referência de um texto em outro; 15 consideraram o tema bem explorado e 15 não abordaram intertextualidade em suas aulas nesse ano.

O próximo questionamento feito aos voluntários dessa pesquisa foi: Antunes (2003), em " Aula de Português – Encontro e Interação", sugere atividades que trabalhem os conteúdos gramaticais de forma mais efetiva. De que modo você costuma abordar os conteúdos gramaticais com seus alunos? Nesse momento, 48 profissionais informaram que exploram a gramática a partir de diferentes gêneros textuais e 12 disseram que discutem o assunto apenas com frases soltas para fixação.

É uma realidade de muitos professores, especialmente nas escolas privadas, se sentirem pressionados a cumprirem, desesperadamente, o planejamento e o grande acúmulo de atividades e, por isso, acabam deixando de lado o trabalho importante com leitura e compreensão textual nas aulas de Língua Portuguesa. Quando questionados quanto a isso, 22 professores responderam ser essa sua realidade e 38 afirmaram não enfrentar esse problema.

A indagação posterior feita aos educadores foi a seguinte: Marcuschi (2008) defende que os gêneros textuais auxiliam na comunicação e inserção social dos usuários da língua. No seu ponto de vista, os livros didáticos com os quais já trabalhou: 1) exploram muito pouco; 2) não exploram ou 3) exploram bem a função social dos gêneros nas atividades sobre eles? Aqui, 30 pessoas responderam que o material didático explora muito pouco esse papel dos gêneros; 8 afirmaram que não aborda essa função e 22 disseram que os livros exploram bem essa característica.

A próxima questão que lhes foi proposta foi: com o avanço tecnológico e a diversidade de textos midiáticos, torna-se fundamental o investimento do profissional de LP em se adequar a essas modalidades. Qual a sua concepção a respeito dos textos e ferramentas multimodais para o desenvolvimento de conhecimentos linguísticos e pragmáticos?

Nesse item, 54 pessoas responderam que os textos multimodais são ferramentas essenciais e auxiliam o trabalho do professor; 3 docentes afirmaram que o uso delas é indiferente nas aulas de Língua Portuguesa e 3 alegaram que nunca usaram esse recurso. Além disso, 33 dos educadores informaram dedicar muito mais espaço das suas aulas para o ensino de gramática descontextualizada, enquanto 27 alegaram administrar bem o tempo trabalhando a língua sob diferentes perspectivas.

Por último, ao final da pesquisa, perguntou-se aos profissionais se eles observavam muitas dificuldades dos alunos com atividades inferenciais de compreensão textual. 55 declararam notar essas limitações nos discentes com os quais trabalham e 5 responderam que não percebem seus alunos com esse problema.

7 CORPUS E ANÁLISE

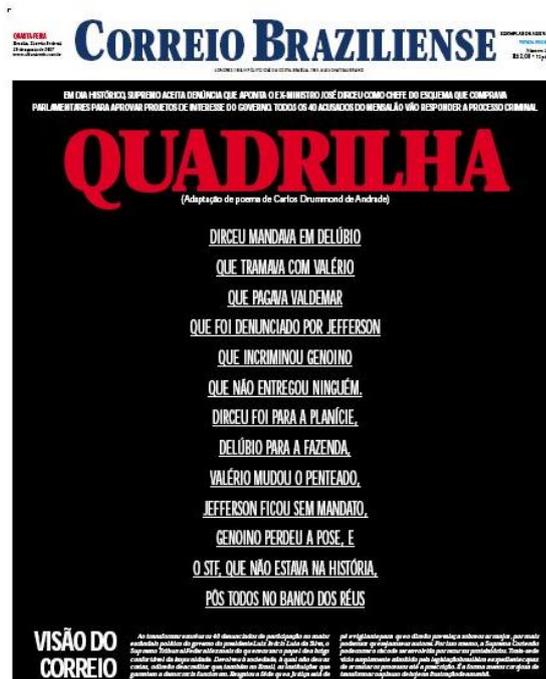
O corpus escolhido para este trabalho é composto de 3 gêneros textuais: capas, *memes* e charges, dos quais foram selecionados 7 modelos de cada gênero, na tentativa de reconhecer os recursos linguísticos pesquisados e empregados nesses exemplos e demonstrar como a intertextualidade é um fator relevante e fundamental para a compreensão dos textos em sua totalidade.

7.1 Capas

Com base nas definições de Bakhtin (2003) e Marcuschi (2008), já exploradas neste trabalho, os gêneros textuais representam textos materializados e encontrados em todos os momentos e situações cotidianas, “com padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (Marcuschi 2008, p. 155).

Assim, pode-se afirmar que, hodiernamente, é comum a utilização de capas como gêneros textuais que oferecem muitas possibilidades de pesquisa para os estudiosos da língua. Isso se deve às diversas, e muitas vezes polêmicas, temáticas abordadas, à estrutura concisa, às marcas linguísticas, ao caráter multissemiótico e aos múltiplos efeitos de sentido produzidos, além da definição do público ao qual se dirigem.

Figura 1 – Texto 1



Fonte: Correio Braziliense, edição de 29/08/2007.

Agora, vejamos o poema a seguir, de Carlos Drummond de Andrade (Texto 2):

João amava Teresa que amava Raimundo
 que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
 que não amava ninguém.
 João foi pra os Estados Unidos, Teresa para o convento,
 Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
 Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
 que não tinha entrado na história.
 (DRUMMOND DE ANDRADE, *Quadrilha*, 1930)

O dialogismo que une os textos 1 e 2 acontece a partir de algumas estratégias linguísticas, como a estrutura de como são criados (em verso) e da polissemia da palavra “quadrilha”, título de ambos. Uma das obras mais reconhecidas de Drummond, o poema *Quadrilha* retrata, por meio de uma linguagem simples e poucos versos, os relacionamentos humanos e o amor; os encontros, desencontros e amores não correspondidos. No título, há uma referência, feita pelo poeta, à coreografia que virou tradição nas festas juninas brasileiras. Metaforizado pela quadrilha, o amor surge como uma dança onde os pares estão trocados e os sentimentos não são correspondidos. Quase todos estão apaixonados e são alvo da adoração de alguém, mas as linhas parecem estar cruzadas e nenhum relacionamento cresce ou se concretiza.

Por outro lado, a reportagem do Correio Braziliense (Texto 1) se refere ao termo quadrilha relacionando-o ao crime, mais precisamente um grupo de pessoas que cometem alguma ilicitude, como os indivíduos mencionados na reportagem. A capa, com intertextualidade externa e implícita, demonstra, deste modo, um interdiscurso de forte crítica a relações de poder, acordos e crimes políticos, bem como as consequências para os envolvidos e o posicionamento do Supremo Tribunal Eleitoral de investigá-los.

Figura 2 – Texto 3



Fonte: Revista Veja, edição 2643, de 17/07/2019.

No texto 3, pode-se observar a intertextualidade no trecho de linguagem verbal “Livrai-nos do mal”, cujo texto fonte é o final da conhecida oração “Pai nosso”. Nesta reportagem, jovens abusados por padres brasileiros contam pela primeira vez suas histórias que chegaram ao Vaticano e provocaram a renúncia de um bispo. Utilizar a intertextualidade (explícita e externa) com o texto religioso, além de muito bem contextualizado, foi um recurso fortemente expressivo que trouxe pesar e um tom sombrio à capa da revista, muito pertinente no que se refere ao tema de abuso de menores, principalmente dentro de um ambiente religioso. Esse mecanismo tornou-se ainda mais significativo e marcante aliado aos elementos semióticos que compõem esta edição da revista. Os vitrais da janela, que costumam ser coloridos, deram lugar aos tons acinzentados ao fundo, distanciando o ambiente de um lugar com tons claros, de pureza, de cores diversas e celestiais característicos das igrejas.

Além disso, a figura do bispo manteve-se em cores, o que pode estar associado ao fato de a imagem da igreja ficar metaforicamente manchada, enquanto os autores dos atos

criminosos saem ilesos de muitas dessas acusações, acobertados pelo Vaticano. O olhar e o sorriso discreto atribuíram, ainda, malícia e perversidade à figura do sacerdote presente na capa.

Figura 3 – Texto 4



Fonte: Revista Veja, edição 2656, de 16/10/2019.

O texto 4 constrói-se dentro do mesmo universo religioso que o texto 3, com uma diferença de 3 meses entre as duas capas. Já se pode observar o interdiscurso da revista Veja em demonstrar frequentes críticas à igreja católica. A intertextualidade, implícita e externa, acontece no título desta edição, referindo-se ao nome de dois dos mais reconhecidos e importantes milagres realizados por Jesus. Neste contexto, o mais famoso deles, de acordo com a tradição cristã, ficou conhecido como a multiplicação dos pães. Nele, após Jesus ter tomado conhecimento sobre a morte de João Batista, seu primo e responsável por seu batismo, multiplicou 5 pães e 2 peixes para alimentar uma multidão de 5000 pessoas que o acompanhava. Segue um trecho da obra original:

Ao fim da tarde os Doze aproximaram-se de Jesus e disseram: “Manda embora a multidão para que eles possam ir aos campos vizinhos e aos povoados, e encontrem comida e pousada, porque aqui estamos em lugar deserto”. Ele, porém, respondeu: “Deem-lhes vocês algo para comer”. Eles disseram: “Temos apenas cinco pães e dois peixes – a menos que compremos alimento para toda esta multidão”. Mas ele

disse aos seus discípulos: “Façam-nos sentar-se em grupos de cinquenta”. (E estavam ali cerca de cinco mil homens.)

Os discípulos assim fizeram, e todos se assentaram. Tomando os cinco pães e os dois peixes e, olhando para o céu, deu graças e os partiu. Em seguida, entregou-os aos discípulos para que os servissem ao povo. Todos comeram e ficaram satisfeitos, e os discípulos recolheram doze cestos cheios de pedaços que sobraram. (Lucas 9:12-7)

Aos leitores que conhecem o texto fonte, fica claro perceber, além da intertextualidade, a ironia presente nesta capa, uma vez que a revista compara a ação do Vaticano em reconhecer a beatificação de irmã Dulce, cuja foto aparece como destaque e de outros indivíduos católicos, com o feito milagroso de Jesus. Deste modo, é possível perceber o interdiscurso que banaliza ambas as ações religiosas, o que é confirmado com o subtítulo desta edição que diz: “Com número recorde de canonizações, incluindo a da freira baiana irmã Dulce, que ocorrerá neste domingo, 13, a Igreja Católica tenta recuperar o rebanho perdido.” A escolha da expressão “número recorde” demonstra a opinião da Veja sobre o que seria uma atitude desesperada da igreja católica para recuperar fiéis e o poder que representam a ela. Há, também, outro uso da intertextualidade no subtítulo ao nomeá-los de “rebanho perdido”, referindo-se à parábola da ovelha perdida, na qual Deus é comparado a um pastor que cuida de todo o seu rebanho (as pessoas) e nunca abandona uma ovelha perdida, que seriam filhos que se afastam de seus ensinamentos, como demonstra o texto fonte a seguir:

Então Jesus lhes contou esta parábola: “Qual de vocês que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai atrás da ovelha perdida, até encontrá-la? E quando a encontra, coloca-a alegremente nos ombros e vai para casa. Ao chegar, reúne seus amigos e vizinhos e diz: “Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida”. Eu digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se. (Lucas 15:3-7)

É de fundamental importância destacar como o reconhecimento das obras referidas nos textos 3 e 4, analisados neste trabalho, é essencial para que cada elemento textual linguístico (e semiótico) seja levado em consideração para a construção de sentidos e percepção de todos os implícitos e intencionalidades presentes nestas criações, o que corrobora o argumento de que, não existe, de fato, imparcialidade na criação dos textos e de que, como afirma Maingueneau (2008), o interdiscurso precede o discurso e este último deve ser entendido como uma prática discursiva, uma vez que está presente em qualquer produção oral ou escrita.

Figura 4 – Texto 5



Fonte: Revista Veja, edição 2700, de 19/08/2020.

O texto acima foi criado para criticar a postura do Presidente Jair Bolsonaro com relação à administração das verbas públicas e suas escolhas com a justificativa de preservar e impulsionar a economia do Brasil. Assim, a Revista Veja demonstra, claramente, seu posicionamento contra os gastos feitos pelo governo federal.

Destarte, para comunicar os objetivos pretendidos, as linguagens verbal e não verbal da capa se utilizam da intertextualidade (externa e implícita) com o famoso filme norte-americano, lançado em 2002, dirigido por Sam Mendes, escrito por David Self e estrelado por Tom Hanks, *Estrada para perdição* (Texto 6). A obra cinematográfica foi adaptada de uma história em quadrinhos escrita por Max Allan Collins e ilustrada por Richard Piers Rayner e possui mais similaridades com a trajetória do presidente do que somente o título.

No filme, Tom Hanks interpreta Michael Sullivan, pai de família, matador temível conhecido como Anjo da Morte, que serve um poderoso chefe irlandês ligado à máfia ítalo-americana. Um dia, durante um ajuste de contas, seu filho, Michael Jr. (Tyler Hoechlin), testemunha o pai fazendo uma execução. Após o incidente, o protagonista se vê sem opção e o filho acompanha o criminoso em busca de vingança pela morte do resto dos parentes deles, trabalhando, com o pai, para o mundo do crime.

Algumas semelhanças com o roteiro residem no fato de Bolsonaro ser acusado de estar ligado a milícias espalhadas pelo país. Ademais, seus filhos também optaram por se juntarem

ao pai na política, e já foram investigados por crimes de corrupção e desvio de dinheiro público.

Além disso, é importante destacar a linguagem não verbal da *Veja*, a qual apresenta duas estradas que se referem às possíveis escolhas disponíveis para o governo federal e, ao final delas, o céu dividido entre uma parte com o tempo claro e ensolarado e a outra com uma terrível tempestade. Ambos representam o que a revista, conhecida por ser “amiga” dos empresários brasileiros, acredita que pode acontecer com o cenário econômico do país a depender das atitudes tomadas pelo líder governamental.

Figura 5 – Texto 6



Fonte: Pôster do filme *Estrada para perdição*.

Figura 6 – Texto 7



Fonte: Revista Veja, edição 2703, de 09/09/2020.

O texto 7, criado a partir da situação da pandemia de covid-19, apresenta uma caixa de remédio deslocada de um contexto de saúde, a fim de explorar a ideia de que, para se tratar uma doença (neste caso, a causada pelo coronavírus) pode-se optar pelo auxílio de uma droga. A faixa escura na embalagem reforça a referência ao conhecimento de mundo de um fármaco tarja preta, que deve ser utilizado com moderação e sob a recomendação de um especialista. No espaço destinado ao nome do remédio, está a palavra: auxílio emergencial, ou seja, a capa sugere que o auxílio, subsídio liberado pelo governo para apoiar famílias necessitadas na pandemia, é um medicamento que precisa ser empregado na dose certa. Tanto as palavras “medicamento” quanto a expressão “dose certa” possuem sentido polissêmico nessa publicação da revista Veja. A primeira refere-se tanto ao tratamento por meio de uma substância farmacológica, quanto ao auxílio emergencial; a segunda indica a opinião da revista sobre a proporção de como deve ser disponibilizado o apoio financeiro federal e recupera o sentido conhecido socialmente de algo que deve ser usado na quantidade adequada, ou pode trazer riscos. Esse pensamento retoma o ditado popular que diz: “a diferença entre o remédio e o veneno é a dose” e é confirmado pelo *lide* desse texto que afirma que “O socorro financeiro foi crucial para ajudar milhões de brasileiros durante a pandemia, mas pode quebrar o país...” A utilização da conjunção adversativa “Mas” após

afirmar a utilidade da ajuda oferecida, a expressão pejorativa “dinheiro fácil” e a afirmação de que pode ser responsável por “quebrar o país” revelam a opinião da Veja contrária à liberação do aporte financeiro de 260 bilhões, registrado no canto direito da caixa de remédio, que ajudou a milhares de famílias fragilizadas durante a crise generalizada por que passa o país. A condução da leitura e do posicionamento do leitor, que deveria ser evitado a quem se propõe a informar, fica evidente e recorre à intertextualidade (externa e explícita) a cada vez que recupera conhecimentos supracitados sobre o gênero e sobre a pandemia.

Figura 7 – Texto 8



Fonte: Revista Veja, edição 2739, de 26/05/2021.

A intertextualidade presente no texto 8 refere-se ao contexto da pandemia de covid-19 ao qual está inserido e ainda ao uso da expressão “decolagem autorizada”. Usualmente, ela é utilizada pelo piloto aos passageiros, dentro de aeronaves, quando está tudo certo para que se possa dar início à viagem. A capa apresenta, ainda, como elementos não verbais, foguetes com bandeiras pertencentes a vários países em analogia ao processo de distribuição de vacinas em cada nação. Reino Unido, Rússia, China e Japão se anteciparam comprando e imunizando suas populações o mais rápido que puderam e já retomam o controle de suas economias. Contudo, o Brasil está representado com sua bandeira no único foguete com “decolagem não autorizada”. Há, portanto, um interdiscurso que sugere que algo está errado, impedindo o lançamento do projétil brasileiro.

Nesse caso, o problema alude ao número de mortes por dia no país ainda muito elevado, sem perspectiva de que saia da crise generalizada em que se encontra. Além disso, em relação ao tamanho dos foguetes e a sua posição na capa da revista, pode-se observar que o Japão, apesar de ser o menor dos países, está à frente de todos, uma vez que comprou muitas vacinas para imunizar sua população e todos os atletas que fossem participar dos jogos olímpicos, que aconteceram em 2021. O foguete dos Estados Unidos que é o mais robusto de todos, representando sua potência mundial, tem um atraso na decolagem em comparação às demais nações, com exceção do Brasil, devido ao comportamento negacionista do ex-presidente Donald Trump em relação à pandemia e à falta de ações para combatê-la. Entretanto, esse cenário mudou com a conduta ativa do novo dirigente, Joseph Biden, para o enfrentamento do problema. O novo presidente já garantiu que mais de 300 milhões de estadunidenses fossem vacinados e que mais de 3 milhões de empregos fossem adicionados à economia, segundo o site www.epocanegocios.globo.com.

Figura 8 – Texto 9



Fonte: Revista Veja, edição 2741, de 09/06/2021.

A linguagem verbal do texto 9 é constituída, principalmente, pelo título “Vaza-jato II”. Nele, se pode perceber o neologismo criado a partir de uma alusão direta à operação de combate à corrupção, que teve início em 2014, conhecida como “Lava-jato”, com desdobramentos em muitos estados brasileiros. O juiz Marcelo Bretas, que aparece na capa acima (texto 9), ficou responsável pelos processos da iniciativa da Justiça Federal no Rio de Janeiro e ganhou notoriedade ao determinar a prisão de políticos importantes, como o ex-presidente Michel Temer e o ex-governador Sérgio Cabral. A intertextualidade empregada na capa retoma todos esses conhecimentos prévios necessários para a compreensão do texto. Ademais, na linguagem não verbal, o juiz aparece apontando o dedo indicador para frente, em referência a sua função de julgar os réus; o gesto ofensivo ainda é complementado pela expressão julgadora do acusado, como se estivesse direcionado ao leitor, chamando ainda mais a sua atenção. Outrossim, seu dedo também está sobre uma balança acrescentada ao texto, o objeto é símbolo da justiça e da magistratura, a fim de indicar que o utensílio tende para um dos lados, ou seja, não é imparcial como deveria, não é justo. Todas essas informações dialogam com a reportagem principal dessa edição da revista, a acusação a Marcelo Bretas de ser parcial, negociar contratos, penas, pressionar advogados, combinar

estratégias com o Ministério Público e praticar outras ações criminosas que vão de encontro ao seu papel de defender o cumprimento da lei.

7.2 Memes

Presume-se que o conceito de *meme* tenha sido criado pelo zoólogo e escritor Richard Dawkins, em 1976, quando publicou a obra *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta). Segundo o autor, assim como os genes, os *memes* têm a capacidade de se propagar e “viralizar” nas plataformas digitais, por serem estrutura de informação. Assim, entende-se como *meme* tudo o que pode ser imitado e espalhado com rapidez entre os falantes, por isso, podem ser consideradas como unidades miméticas: as frases, os vídeos, as ideias, as músicas, entre outros.

Figura 9 – Texto 10



Fonte: Figurinha de whatsapp

O texto 10 é um *meme* compartilhado em redes sociais, tais como WhatsApp, Instagram e Facebook. Como já mencionado neste trabalho, há intertextualidades de fácil e difícil reconhecimento e as últimas podem estar associadas a textos cujas referências são feitas a importantes obras da literatura brasileira, como é o caso do exemplo 10, cada vez menos lidas por grande parte da população. Nesse caso, a linguagem verbal do *meme* retoma um momento crucial da reconhecida obra “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, em que o personagem Bentinho questiona-se, perturbado, sobre o comportamento de Capitu, sua mulher, no velório de seu grande amigo, Escobar. Bentinho, obsessivo por olhares, analisa

minuciosamente os gestos da esposa e seus famosos “olhos de ressaca”, os quais descreve como dissimuladores e misteriosos, sugerindo uma possível traição, tal qual se observa no trecho: “seus olhos fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem as palavras desta, mais grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar o nadador da manhã” (ASSIS, 2008, p.167)

Para o leitor que nunca teve a oportunidade de ler “Dom Casmurro” e desconhece toda a metáfora dos olhos e do mar presente na obra, a intertextualidade, em lugar de auxiliar e enriquecer *meme*, pode tornar sua plena compreensão inacessível.

Ainda que a linguagem não verbal deste material possibilite a percepção de que o personagem está desconfiado, ou insatisfeito com alguma situação na qual a figura mimética poderia ser empregada, a insciência da obra não permite a construção total de sentido proposta pelo criador da figurinha.

Figura 10 – Texto 11



Fonte: Figurinha de whatsapp

O material mimético acima, compartilhado como figurinha da plataforma Whatsapp neste contexto de pandemia pelo coronavírus, traz à memória a famosa obra “A Última Ceia”, de Leonardo Da Vinci, pintada entre 1495 e 1498. O trabalho do artista já dialogava com o texto religioso no qual Jesus ceia pela última vez com os 12 apóstolos, antes da crucificação. O ser humano, que é essencialmente social, tem sua necessidade de se comunicar retratada no *meme*, por meio da intertextualidade externa e implícita em relação ao trabalho do pintor. A obrigatoriedade do isolamento no mundo devido à pandemia, fez com que um novo comportamento das relações humanas se fizesse presente e fosse retratado em textos de diferentes gêneros, como o selecionado para esta análise: os encontros e celebrações online. A figurinha menciona ainda o ruído gerado, muitas vezes, durante essas reuniões virtuais,

acarretando prejuízos no canal da comunicação provocados por falhas na internet, confirmado pela linguagem verbal “Estão me ouvindo?”, a fim de que Jesus se certifique de que está funcionando bem para que aquela situação comunicativa aconteça. A linguagem verbal explora, além das figuras religiosas, o formato de sala virtual comuns aos ambientes e plataformas digitais.

Figura 11 – Texto 12

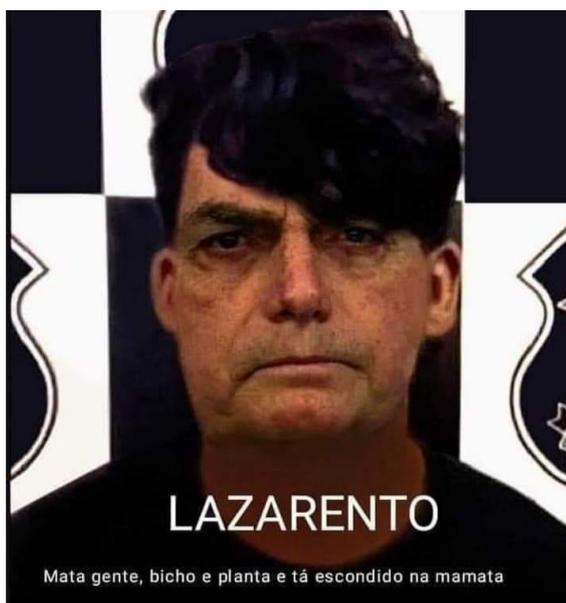


Fonte: Figurinha de whatsapp

No *meme* acima, foi utilizada apenas a linguagem verbal, diferente dos materiais anteriores analisados neste trabalho, que são multimodais, ou seja, em que se reúnem elementos verbais e não verbais em sua composição. O recurso da intertextualidade se faz presente nesta obra referindo-se ao texto bíblico conhecido como a determinação de Deus a Moisés sobre os 10 mandamentos que devem ser seguidos pela humanidade. O texto foi criado no contexto da Pandemia pelo coronavírus no Brasil e utiliza o nome dado à doença, covid-19, em uma estrutura formal em que, na Bíblia, se apresentam capítulo e versículo, respectivamente, do discurso religioso (Covid: 1-9). O uso do futuro do presente com valor de imperativo corrobora a menção ao texto fonte já mencionado, já que o tempo verbal é o mesmo utilizado nos mandamentos, tal qual pode-se observar no trecho a seguir: “Não matarás, não cometerás adultério, não dirás falso testemunho...” (Mateus 19:18).

É fundamental observar ainda, na figurinha, o neologismo utilizado a partir do substantivo SEXTA, reportando-se ao dia da semana conhecido socialmente pelo momento em que se reúne os amigos para celebrar após uma semana de trabalho. O *meme* nos faz inferir que não se devem realizar os eventos sociais comuns à sexta-feira, uma vez que há a recomendação do isolamento nesta situação em que o Brasil é acometido por tantos casos da doença.

Figura 12 – Texto 13



Fonte: Figurinha de whatsapp

O texto 13 deste trabalho é um *meme* intertextual que foi viralizado em algumas redes sociais no mês de junho deste ano, período em que Lázaro Barbosa foi procurado por 20 dias pela polícia de Goiás, acusado de ser um assassino em série e ter cometido 38 crimes.

O termo que dá título ao *meme* foi criado partindo do nome do suspeito e possui alguns recursos que o transformam em uma obra rica de múltiplos sentidos a serem explorados a seguir. O vocábulo polissêmico “Lazarento” foi criado pelo radical “lazar-” e o sufixo- ento, o qual é, geralmente, formador de adjetivos a partir de substantivos e representa características muitas vezes desagradáveis, depreciativas, como é possível observar neste texto e em exemplos usuais da língua: barulhento (radical de barulho + -ento); grudento (radical de grude + -ento); briguento (radical de briga + -ento), entre outros.

Além disso, é preciso salientar que o termo “lazarento” ainda é comumente empregado na linguagem coloquial em algumas cidades do Brasil como gíria ofensiva, de baixo calão, sem qualquer alusão ao denunciado mencionado acima. Em sentido figurado, a palavra serve para referir-se a pessoas consideradas insuportáveis, de comportamento repulsivo. Já de acordo com o dicionário “Aulete”, significa, ainda, leproso, ou alguém que tenha a doença de Chagas. Essa segunda acepção retoma, intertextualmente, o personagem bíblico Lázaro, que tinha o corpo coberto pela doença e foi ressuscitado por Jesus Cristo.

Desse modo, por meio do adjetivo produzido, obtém-se uma severa crítica ao presidente Jair Bolsonaro, que teve sua foto utilizada na obra e sua caracterização modificada

para ressaltar a semelhança com o acusado de assassinato. Ademais, tal efeito é reiterado com o subtítulo adicionado à obra memética “Mata gente, bicho e planta e tá escondido na mamata”. Essa oração alude ao comportamento transgressor, perverso e irresponsável do político com relação ao descaso com a pandemia e com os problemas relacionados à fauna e à flora brasileiras, como os incêndios provocados na Amazônia e o afrouxamento das leis que puniriam os responsáveis.

Por fim, o substantivo “mamata” da frase remete aos escândalos de corrupção nos quais Bolsonaro e sua família estão envolvidos e retoma o verbete “mata” pela sua semelhança fonética para aludir ao fato de que Lázaro Barbosa ficou escondido na mata em fazendas de Goiás até que fosse encontrado e morto pelos policiais, enfatizando as semelhanças entre os dois.

Figura 13 – Texto 14.



Fonte: Figurinha de whatsapp

O texto 14 é um *meme* criado no contexto da pandemia em referência ao aumento abusivo do botijão de gás no Brasil. Neste caso, a intertextualidade se encontra na retomada de alguns conhecimentos sobre o assunto, como o fato de que o atual presidente, Jair Bolsonaro, atribuiu seus descuidos para com as recomendações de combate ao coronavírus, como o descumprimento do isolamento social, à sua preocupação em preservar questões econômicas. O comandante alegou que precisava salvar a economia do país devido à grande crise causada pela covid-19 e, para isso, precisava incentivar os trabalhadores a voltarem à sua rotina em um momento em que a recomendação da Organização Mundial da Saúde e de cientistas do mundo inteiro era a de todos permanecerem em casa.

Entretanto, não se observou, até o presente momento, nenhum resultado positivo nem em relação à economia, nem acerca de qualquer outro aspecto social. Pelo contrário, os preços do gás de cozinha, combustível e alimentos estão cada vez mais altos e o número de mortes pela doença permanece elevado. A linguagem verbal presente no texto “é melhor *Jair* juntando dinheiro” utiliza a semelhança fonética do nome do estadista com a expressão “já ir”, formada pelo advérbio “já” e o verbo “ir”, para atribuir ao político a culpa pela alta dos preços e, por isso, sugere aos leitores que comecem a juntar lenha, uma vez que ficará difícil para a maioria continuar comprando o produto se a elevação do valor seguir da mesma forma.

Figura 14 – Texto 15.

Sensacionalista

Lázaro pode estar escondido jogando a Copa América para não ser visto por ninguém



Instagram: jornalsensacionalista

Fonte: Figurinha de whatsapp

O texto 15, *meme* da conta do Instagram Jornal Sensacionalista, circulou pelas redes sociais no Brasil e chama atenção pela forma de como a intertextualidade foi empregada e possibilitou efeitos de humor e ironia. Há dois conhecimentos que atuam como textos fontes sem os quais não é possível compreender plenamente a obra memética. O primeiro se refere a saber quem é Lázaro, criminoso de Goiás, já mencionado neste trabalho, acusado de cometer 38 crimes, que ficou foragido durante 20 dias. A publicação do *meme* foi feita em um período no qual ele ainda estava desaparecido.

O outro elemento fundamental é saber por que a Copa América não estaria sendo vista por ninguém, segundo o texto. Essa informação alude ao fato de que o presidente Jair Bolsonaro autorizou a realização do campeonato no Brasil, apesar de ter sido alvo de severas críticas pela decisão, uma vez que os números de casos de contaminação por covid-19 estão muito elevados e os esforços governamentais deveriam estar voltados a resolver o problema e amenizar a crise generalizada por que passa o país.

Segue trecho de uma notícia divulgada pelo jornal Correio Braziliense noticiando o fato no dia 7 de junho deste ano:

Ao anunciar a realização da Copa América, no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro não calculava que daria início a mais uma crise política de seu governo. A realização do torneio colheu reações contrárias de vários setores da sociedade e chegou ao

campo de jogo, envolvendo os atletas e o técnico da Seleção Brasileira, Tite — que deram a entender ser um erro a disputa da competição em pleno descontrolado da covid-19 no país.

Além disso, diversos jogadores foram contaminados e precisaram ser afastados pela doença, disseminando ainda mais o problema. Portanto, a liberação dos jogos no país é a razão para um possível ato de descontentamento que poderia fazer com que ninguém assistisse ao campeonato. No entanto, a postura de Bolsonaro também foi associada à antiga política romana do pão e circo, na qual o governante tem a intenção de conceder favores e/ou diversão à população com a intenção de apaziguá-la ou ludibriá-la. No país do futebol, a estratégia do governante pode ter funcionado, haja vista que o campeonato seguiu dentro da normalidade e foi assistido pela população como se fosse uma competição como outra qualquer.

Figura 15 – Texto 16



Fonte: Figurinha de whatsapp

O texto 16 é um *meme* cuja intertextualidade utilizada retoma o sucesso cinematográfico *Titanic*, dirigido por James Cameron, lançado no Brasil em janeiro de 1998. A superprodução, que narra a história do naufrágio do navio que deu nome ao filme, elencou a lista de maior bilheteria de todos os tempos em 21 países e levou milhões de brasileiros ao cinema, além de ter ganhado 11 Oscars e ter recebido 14 indicações para o prêmio, segundo o site da Universidade Federal de Minas Gerais.

O título da embarcação inspirou o neologismo “Bolsonic” presente no *meme* e que foi criado pela aglutinação dos termos “Bolsonaro” e “Titanic”. É interessante destacar o neologismo formado por amálgama lexical, ou seja, o “processo morfológico que permite

formar novas unidades lexicais a partir da fusão de duas ou mais unidades lexicais truncadas” (CORREIA, M.; LEMOS, L.S.P., 2005, p.44) que foi utilizado nesse texto. Esse produto da competência estilístico-discursiva dos autores do novo vocábulo, demonstra, além do conhecimento linguístico sobre a formação do léxico em língua portuguesa, como podem ser ricos recursos para atuarem na semântica e expressividade do texto.

Esse elemento se une às cores verde e amarela e à bandeira do Brasil, que foram símbolos da campanha do estadista, para fazerem referência aos apoiadores do presidente. Por outro lado, as pessoas que se encontram fora do navio com os celulares para cima e a expressão “eu avisei” representam a parcela da população que se opôs ao parlamentar e dizia prever os resultados negativos de sua administração.

Assim, o *meme* faz uma crítica ao governante e também à polarização do país causada por ele, uma vez que toda a população está, metaforicamente, afundando, ou seja, todos são prejudicados pelas suas atitudes equivocadas.

7.3 Charges

Segundo Valente (2001), a charge é um gênero de humor gráfico com temas jornalísticos da atualidade; seu estilo é sofisticado, porque consegue resumir, criticamente, histórias reais de forma convincente por meios irrealistas diversos. Nessa perspectiva, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2007) toda charge apresenta uma relação intertextual temática, uma vez que está sempre relacionada ao contexto na qual foi produzida, isso confere ao gênero um caráter temporal. Desse modo, o chargista lança mão de variados elementos não verbais e importantes recursos linguísticos num dado momento para promover uma reflexão crítica a respeito de algum tema, personagem ou situação relevante para a sociedade. Essa delicada seleção do autor conta com a eficiência do leitor em recorrer ao seu conhecimento de mundo e às suas habilidades linguísticas para construir, coletivamente, o sentido do texto.

Figura 16 – Texto 17



Fonte: João Montanaro, Folha de S. Paulo 30/3/2020: E agora, Jair?.

O texto 17 é uma charge que foi divulgada no jornal Folha de São Paulo no dia 30 de março de 2020. A compreensão da obra se dá a partir da intertextualidade (externa e implícita) com o primeiro trecho do poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade, exposto a seguir (Texto 18):

E agora, José?
 A festa acabou,
 a luz apagou,
 o povo sumiu,
 a noite esfriou,
 e agora, José?
 (DRUMMOND DE ANDRADE, *José*, 1942)

A obra foi publicada em 1942, na coletânea “Poesias”, e retrata o sentimento de solidão e abandono de José, indivíduo na cidade grande, sem esperança e com a sensação de que está perdido na vida, sem saber por que caminho seguir. Observa-se que o trecho da poesia foi mantido quase integralmente salvo pela troca do vocativo JOSÉ por JAIR, referindo-se ao Presidente Jair Bolsonaro. A crítica levantada pela charge utiliza o elemento verbal intertextual apresentado acima e os elementos não verbais da figura da personagem sendo questionada pela representação biológica do SARS-COV-2, vírus causador da covid-19, em tamanho muito ampliado, o que sugere a grande proporção que tomou o problema no Brasil. Tradicionalmente, os textos tomados como fonte para a elaboração da intertextualidade são culturalmente consagrados e/ou popularmente conhecidos, o que possibilita que os leitores compartilhem desse conhecimento, reconheçam a citação original, compreendam o que está sendo apresentado e colaborem, desta forma, com a construção de sentido proposta pelo autor. Por isso, neste caso, caso o receptor desconheça o poema de Drummond, não será capaz de perceber as estratégias linguísticas utilizadas, nem tão pouco depreender o conjunto de significados e intenções propostos pelo chargista.

Figura 17 – Texto 19



Fonte: <https://domtotal.com/charge/2918/2020/04/mortes-por-coronavirus/>

A charge acima foi veiculada nas plataformas digitais neste ano de 2020 e o contexto no qual está inserida é a situação da pandemia por covid-19 no Brasil. Os elementos não verbais explorados pelo chargista fazem forte crítica à postura do atual presidente Jair Bolsonaro de ignorar as centenas de milhares de mortes causadas pela doença, representados pela pilha de ossos humanos que se encontra embaixo do chefe de Estado, que leva consigo a faixa presidencial.

É de fundamental importância ressaltar as únicas cores em destaque na charge construída em preto e branco: o verde e amarelo da faixa, cores que ganharam novo significado nas eleições de 2018, na qual Bolsonaro se elegeu presidente e passaram a representar sua ideologia de governo. Ele solicitou que seus eleitores usassem as principais cores da bandeira do Brasil durante as eleições, incentivando o patriotismo dos brasileiros, estratégia similar ao ufanismo estimulado no período da ditadura militar, do qual o presidente aproxima seu discurso com frequência.

Outro destaque para as cores da charge está no vermelho que escorre das mãos do personagem, possibilitando a inferência de que ele é responsável por essas mortes e corroborando a crítica ao seu descaso com relação à situação de crise sanitária pela qual passa o país e a sua irresponsabilidade com pronunciamentos que minimizavam o problema e incentivavam o descumprimento das recomendações de isolamento. O gestual do governante na obra constrói, junto aos elementos verbais: “– E daí?”, intertextualidade com o momento

em que Bolsonaro respondeu dessa forma ao ser questionado pela imprensa, no dia 22/04/2020, quando o Brasil chegou ao número de 5000 mortos.

Figura 18 – Texto 20



Fonte: <https://twitter.com/lstdcomixxx/status/1291795889024126979>.

Figura 19 – Texto 21



Fonte: <https://www.diariodolitoral.com.br/policia/em-video-morador-de-condominio-fechado-diz-que-motoboy-negro-tem/136885/>.

A charge acima (texto 20) é outra obra que também recupera os conhecimentos de mundo do leitor. Dessa vez, a intertextualidade (externa e explícita) do material retoma uma situação relacionada ao racismo no Brasil e, para compreendê-lo, é necessário que se tenha ciência sobre o caso utilizado como inspiração pelo chargista, que aconteceu no dia 31 de julho de 2020 e viralizou nas redes sociais no dia 7 de agosto do mesmo ano.

No ocorrido, o contabilista Mateus Abreu Almeida Prado Couto, morador do condomínio Madre Maria Vilac, situado em área nobre no interior de São Paulo, agrediu verbalmente e humilhou o entregador por aplicativos, Matheus Pires, ao alegar um atraso na

entrega de seu pedido. Testemunhas flagraram e gravaram o agressor gritando: “Seu lixo! Você tem inveja disso aqui”, e apontar para a cor de seu braço.

O vídeo viralizou em diversas redes sociais e causou indignação em quem o assistiu, provocando comoção pelo crime de injúria racial e pela situação humilhante a qual o trabalhador foi exposto. A cena mobilizou diversas pessoas que produziram textos de diferentes gêneros retratando o incidente.

A linguagem verbal, na charge, retoma a fala do contabilista. Chama muito a atenção, porém, a linguagem não verbal, a começar pela forma com a qual o autor do texto escolheu representar o ofensor: como um porco. A metáfora utilizada por ele geralmente está associada à falta de higiene do indivíduo. Entretanto, neste caso, ao representá-lo sobre um monte de fezes, a crítica severa se refere a uma vulgarização e desvalorização de seu comportamento criminoso, grosseiro e inaceitável. Sua expressão facial grotesca reforça essas características, a boca suja do animal nos faz inferir que ele se alimenta dos próprios excrementos, trazendo a analogia de que nada do que diz tem valor algum.

O entregador, no texto, foi caracterizado com seus instrumentos de trabalhos habituais (mochila de entrega e máquina de cartão ou celular, usado(a) para receber o pagamento pelo pedido) e a máscara no rosto, indicando o momento de pandemia no qual se encontra o país. O agressor não foi representado de máscara, o que também caracteriza um descumprimento da lei que recomenda o uso do equipamento de proteção nesse contexto de crise sanitária. A expressão facial do entregador também reforça seus sentimentos de tristeza e o lugar claro do opressor e do oprimido comuns em um cenário de preconceito.

É interessante trazer uma foto tirada do caso (texto 21), publicada em vários jornais, para ressaltar que as cores utilizadas na charge têm o objetivo de remeterem a esse fato específico e trazerem esse conhecimento à memória do leitor, já que não envolve personagens ou um acontecimento necessariamente conhecido por todos. Fica evidente como o não verbal pode ser, muitas vezes, tão ou mais importante para a compreensão de textos multimodais quanto a linguagem verbal.

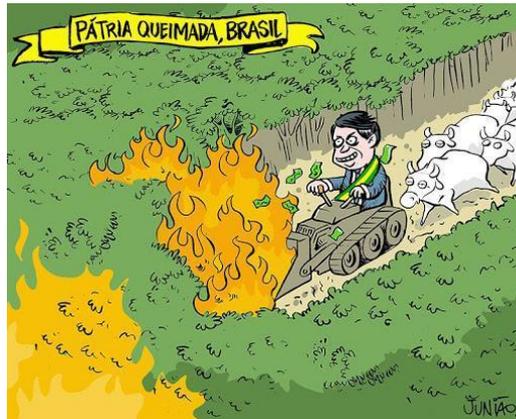
Figura 20 – Texto 22.



Fonte: <https://www.skoob.com.br/morte-e-vida-severina-1093ed1453.html>

O texto 22 constrói sua mensagem por meio da linguagem não verbal e da intertextualidade (externa e implícita) com uma situação que ocorreu neste ano de 2021, quando o presidente Jair Bolsonaro autorizou a realização da Copa América no Brasil, indo de encontro às recomendações de especialistas das áreas da saúde e do esporte, devido ao agravamento da pandemia por covid-19 no país. A representação do político na obra contribui para a realização da crítica feita ao governante, que porta a faixa presidencial e possui uma expressão facial assustadora e maquiavélica. Na charge, ele cobre diversos túmulos com gramado de campo de futebol, referente ao campeonato mencionado e às estratégias de preparação dos estágios para que a competição acontecesse. As sepulturas retomam o elevado número de mortos pelo coronavírus no Brasil, que, nesse momento, estava em aproximadamente meio milhão de vítimas. Indo além, conforme afirma Charolles (1988), é necessário que haja uma cumplicidade entre o produtor e o receptor em relação ao texto. Nesse sentido, espera-se que o leitor compartilhe desses conhecimentos em relação a essa charge. Por fim, além de referir aos acontecimentos supracitados, o texto também explora o fato de o gramado ser representado em formato de um tapete, aludindo à expressão popular “jogar um problema para debaixo do tapete”, o que indica que Jair Bolsonaro estaria ignorando o aumento das mortes pela doença e usando o torneio para disfarçar o problema.

Figura 21 – Texto 23



Fonte: <https://twitter.com/juniaoo/status/1179404360238931968>

Na charge acima (Texto 23), a intertextualidade (externa e implícita) destaca-se na faixa amarela como único exemplo de linguagem verbal da obra do artista Junião. A frase “pátria queimada, Brasil” retoma o trecho do hino nacional brasileiro “pátria amada, Brasil”. A substituição do adjetivo “amada” por “queimada” possui a proposital semelhança fonética provocada pelo sufixo formador de adjetivos a partir de verbos “-da” e provoca a reflexão de que a pátria, outrora adorada, hoje não é mais querida, e sim queimada, devastada. Ademais, os elementos não verbais também contribuem para a construção de uma referência à crise ambiental que atingiu o Brasil no ano de 2020, durante o governo do atual presidente Jair Bolsonaro. Desse modo, o governante é representado no texto com a faixa presidencial no corpo e sentado em um veículo que exibe a forma mista de uma escavadeira e um tanque de guerra, este último, em alusão às origens militares do político e a seu perfil agressivo e ameaçador. Ele aparece colocando fogo e devastando a floresta, situação criada para fazer uma crítica aos polêmicos incêndios criminosos na Amazônia, provocados por incendiários reivindicando terras públicas, incentivados pelo discurso do presidente e pelo enfraquecimento da fiscalização ambiental, característica de desde quando iniciou seu mandato, em 2019. Além disso, há na charge cédulas voando em representação à troca de favores concedida pelo governo Bolsonaro aos fazendeiros por meio de redução de multas e fragilização das políticas de controle ambiental. Por fim, o rebanho representado pelo chargista acompanhando o presidente alude, tanto aos fazendeiros, que desmatam para a criação de pastagem para a pecuária, quanto ao fato de que a população que não possui um pensamento crítico acerca de problemas sociais seria como uma “massa de manobra” e seguiria o governante independente de suas ações. Outrossim, pode-se observar que, nas redes

sociais, criou-se o hábito de se referir aos eleitores de Jair Bolsonaro como “gado”, uma vez que o seguiriam ainda que suas atitudes o condenassem.

Figura 22 – Texto 24



Fonte: https://twitter.com/benett_/status/1398071639921807361

A charge acima é um exemplo de texto considerado de difícil interpretação, uma vez que o recurso da intertextualidade (externa e explícita) usado em sua composição tem, como texto fonte, uma obra literária clássica da literatura brasileira, o livro poema e auto “Morte e Vida Severina”, do autor João Cabral de Mello Neto, escrito entre 1954 e 1955, de temática regionalista (Texto 26). A obra que consagrou o autor nacional e internacionalmente é retomada pelo título “Morte e Vida Cloroquina”. O substantivo “cloroquina” usado no lugar do adjetivo “severina” traz, à superfície, além da semelhança fonética, que possibilitou a troca dos termos, o contexto da pandemia por covid-19 no Brasil, a qual causou a morte de mais de meio milhão de brasileiros até este momento.

Na obra do poeta, o vocábulo “severina” se refere ao tipo de vida difícil e miserável do protagonista e migrante Severino, que deixa o sertão nordestino em busca de melhores condições de vida no Recife e encontra muitos como ele pelo caminho. Por outro lado, o elemento “cloroquina” alude ao medicamento imposto pelo presidente Jair Bolsonaro para o tratamento da doença causada pelo coronavírus. O governante recebeu muitas críticas por essa atitude porque o fármaco não possui nenhuma comprovação científica de eficácia contra a enfermidade e, ainda assim, foi comprado e recomendado pelo chefe de Estado, mesmo contra as recomendações de diversos especialistas da saúde do Brasil e do mundo.

Além disso, a parte não verbal e a fala do personagem na charge fazem referência também a outra importante obra artística da cultura do Brasil, que é a música “Funeral de Um Lavrador”, de Chico Buarque, (Texto 25) solicitada para fazer parte da premiada peça de João

Cabral de Mello Neto (Texto 26), encenada pela primeira vez em 11 de setembro de 1965, no Tuca, teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

O trecho “é a parte que te cabe neste latifúndio”, destacado integralmente da canção (Texto 25), indica, na produção de Chico Buarque, a referência ao túmulo destinado ao retirante que morre assassinado a mando de latifundiários, como a única porção de terra que ele vai possuir. Assim, a obra dialoga com o poema para fazer uma severa crítica às mazelas sociais por que passa essa parcela da população e a todos os problemas de desigualdade, fome, perda de identidade, seca e má distribuição de terras pelo país. Em contrapartida, na charge, os túmulos evocam as mortes causadas pela pandemia e aparecem como a única opção para a parcela mais pobre da população, que não tem muitas alternativas para lidar com o problema e com o descaso e a negligência das autoridades para tratar do assunto.

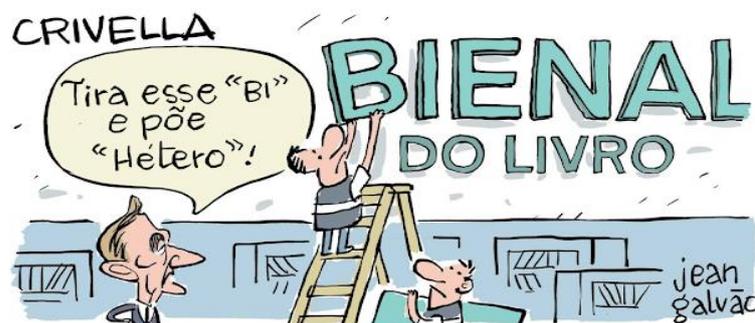
Esta cova em que estás, com palmos medida
 É a conta menor que tiraste em vida
 É de bom tamanho, nem largo, nem fundo
 É a parte que te cabe deste latifúndio
 Não é cova grande, é cova medida
 É a terra que querias ver dividida
 É uma cova grande pra teu pouco defunto
 Mas estarás mais ancho que estavas no mundo
 É uma cova grande pra teu defunto parco
 Porém mais que no mundo, te sentirás largo
 É uma cova grande pra tua carne pouca
 Mas a terra dada não se abre a boca
 É a parte que te cabe deste latifúndio
 (É a terra que querias ver dividida)
 (BUARQUE DE HOLLANDA, *Funeral de um lavrador*,
 1968)

Figura 23 – Texto 26



Fonte: <https://www.skoob.com.br/morte-e-vida-severina-1093ed1453.html>

Figura 24 – Texto 27



Fonte: FOLHAPRESS, 08//09/2019.

A charge acima traz uma crítica ao comportamento de Marcelo Crivella, então prefeito do Rio de Janeiro, em setembro de 2019, quando ele ordenou que fossem recolhidas, da Bienal do Livro desse ano, histórias em quadrinhos (HQs) da Marvel nas quais dois personagens masculinos trocavam beijos e carinhos. Apesar de não apresentarem nada inapropriado para a idade dos leitores, o governante comunicou, em suas redes sociais, que mandaria recolher os exemplares para “proteger as crianças de conteúdo sexual inadequado”. A atitude, considerada descabida e preconceituosa por grande parcela da população, gerou grande movimento nas redes sociais e uma comoção tamanha que, ao chegarem ao evento, os fiscais da prefeitura encontraram os exemplares da HQ esgotados. Vale ressaltar que o famoso Youtuber Felipe Neto teve grande participação nesse movimento e distribuiu, gratuitamente, antes da chegada dos agentes, 14.000 livros com a temática LGBT lacrados em um plástico preto com a frase “Este livro é impróprio para pessoas atrasadas, retrógradas e preconceituosas”. O atual prefeito do Rio, Eduardo Paes, foi presenteado com um dos exemplares. Ele publicou a foto do presente em suas redes sociais e disse que este ano haverá Bienal e sem censura, ironizando a atitude do ex-prefeito.

No texto, a intertextualidade (externa e implícita) retoma o conhecimento sobre o fato para que as intenções do chargista possam ser compreendidas a partir das marcas linguísticas e visuais da obra. O governante é representado com uma caricatura na qual orelha, nariz e queixo são acentuadamente pontudos e os olhos “pesados” para caracterizá-lo e conferir a ele um aspecto negativo. A parte verbal da charge faz um jogo com o elemento “bi” que inicia a palavra bienal, referente à periodicidade do evento (de dois em dois anos) e a fala de Marcelo Crivella, que utiliza o termo para se referir ao público bissexual, indicando seu preconceito e solicitando a substituição por “hétero”. O conhecimento da situação que atua como texto fonte

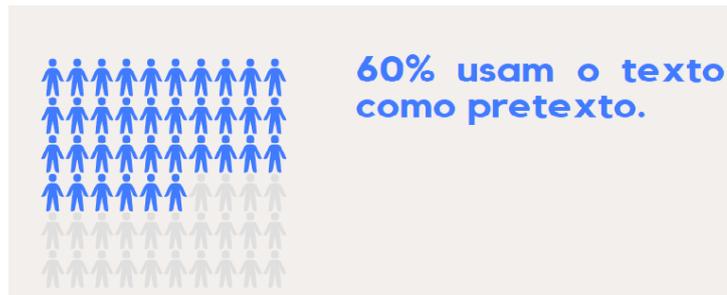
e a identificação e polissemia de “bi” na charge atuam como elementos essenciais para que a construção do sentido completo seja possível.

7.4 Pesquisa com professores

Como já foi mencionado neste trabalho, toda a inquietação sobre a relação entre intertextualidade e coerência teve início nas salas de aula em que a autora desta dissertação presente como aluna e/ ou como professora. Assim, foi feita uma pesquisa com 60 docentes da cidade do Rio de Janeiro, que atuassem em instituições públicas e/ou privadas para verificar como havia sido o trabalho com a intertextualidade e a coerência nas aulas de Língua Portuguesa ministradas por eles no ano de 2020. Para contribuir com o que foi proposto nesta dissertação, foram feitas, aos profissionais, as seguintes perguntas: Você usa o texto em suas aulas como pretexto? / Como você considera o trabalho que fez sobre a intertextualidade no ano de 2020: ótimo, bom, regular ou insuficiente? / Você trabalha com gêneros textuais diferenciados em suas aulas? / Você considera que os materiais didáticos de que dispõe em sua escola conta com gêneros textuais variados? / Você trabalhou alguma atividade sobre a intertextualidade no ano de 2020? / Como você avalia a presença da função social dos gêneros textuais nos livros com os quais trabalhou no ano de 2020? / Você acredita que ainda dedica mais tempo das suas aulas com exercícios de gramática descontextualizada de localização e classificação? / Você observa em seus alunos dificuldades para responderem aos exercícios de leitura e compreensão textual?

Após responderem a esses questionamentos, foram selecionados dados que representam os resultados mais significativos para contribuir com a reflexão proposta aqui, são eles:

Figura 25



Fonte: A autora, 2021.

Figura 26



Fonte: A autora, 2021.

Figura 27



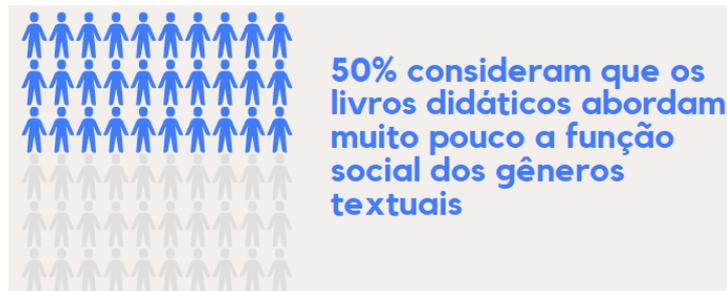
Fonte: A autora, 2021.

Figura 28



Fonte: A autora, 2021.

Figura 29



Fonte: A autora, 2021.

Figura 30



Fonte: A autora, 2021.

Figura 31



Fonte: A autora, 2021.

Com esse resultado, observa-se que a intertextualidade ainda não é prioridade nas aulas de Língua Portuguesa e as dificuldades que os alunos apresentam ao ler e interpretar textos não podem ser combatidas apenas com exercícios exclusivos de gramática, o ideal é partir do texto e tudo o que ele possibilita para que se atinja suas diversas camadas e elementos linguísticos e comunicativos. Desse modo, reitera-se a importância da intertextualidade para que se possibilite ao aluno a oportunidade de conseguir ir além da superfície textual e compreender/construir todos os sentidos do texto, uma vez que se situa no

plano sociocomunicativo, ao lidar com conhecimento partilhado, ao mesmo tempo que está, também, no plano semântico-conceitual, ao contribuir para a pragmática do texto, conferindo-lhe interesse e relevância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno da relação dialógica materializada em textos denominado intertextualidade demonstra que todas as produções humanas expressas por meio da linguagem encontram-se constantemente relacionadas.

Desse modo, o interdiscurso pré-existente em cada enunciado é confrontado, questionado, reafirmado continuamente em cada texto. Então, o texto, esse objeto de ação social em constante construção de sentido, é influenciado pelo autor, receptor, contexto e toda a situação comunicativa.

Sob esse aspecto, tanto a interdiscursividade quanto a intertextualidade atuam como importantes artefatos de compreensão textual e afetam a maneira como outros princípios da textualidade se fazem presentes e interferem na coerência global de cada texto.

Nesse sentido, observam-se, como exemplos, os fatores da intencionalidade e aceitabilidade, que se referem, respectivamente, aos esforços feitos pelo produtor e receptor do texto para que esse seja compreendido. Assim, toda a bagagem cultural, linguística e acadêmica de ambos é confrontada, bem como os textos anteriores com os quais já estiveram em contato. Tudo isso os auxiliará a participar com mais eficiência e satisfação de cada situação de comunicação.

Destarte, é fundamental reiterar a supremacia da coerência sobre os demais fatores de textualidade, uma vez que todos atuam objetivando alcançá-la de alguma forma. Isto é, cada um dos princípios, quando está presente no texto, colabora, em certa medida, para que o ele seja considerado coerente.

Além disso, torna-se de suma importância destacar o papel relevante da intertextualidade como fator de coerência textual, já que ela não só contribui para que se alcance a coerência, quando se faz presente, como pode ser um fator determinante na construção de sentido em textos de diferentes gêneros; verbais, não verbais, ou multimodais; literários, jornalísticos, ou de quaisquer esferas da atividade humana.

Então, ao considerar a intertextualidade como importante critério para o acesso ao sentido dos textos nos quais está presente, devem-se encontrar modos para que esse e outros princípios sejam operados da melhor forma, como sugere Beaugrande (1997) *apud* Marcuschi (2008, p. 135) quando afirma que “o texto é um evento comunicativo em que convergem

ações linguísticas, cognitivas e sociais. O problema está em resolver essa convergência de maneira satisfatória e adequada”.

Ainda segundo o autor, os sete critérios da textualidade devem ser observados, analisados e utilizados com base em seus aspectos centrais que são: língua, cognição, processamento e sociedade. Com base nessa análise, observa-se que a coesão e a coerência são orientadas pelo texto, embora, neste trabalho, defenda-se que elas tenham diferentes níveis de importância. Nesse sentido, a intencionalidade e a aceitabilidade devem ser consideradas pelo aspecto psicológico; a informatividade pelo aspecto computacional e, por fim, a situacionalidade e a intertextualidade devem ser observadas por seu aspecto sociodiscursivo.

Além disso, destacou-se, ao longo desta dissertação, como os gêneros textuais são, não só necessários, mas também indispensáveis para a interlocução humana. Outrossim, segundo Marcuschi (2008), a língua deve ser concebida como “uma atividade sociointerativa de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade” (Marcuschi 2008, p. 163).

Portanto, é por meio dos gêneros que os seres humanos agem e produzem sentido. Por isso, os gêneros legitimam, em diversas esferas da sociedade, os discursos produzidos pelos indivíduos e, são, dessa forma, utilizados para diversos meios de controle social, como instrumentos de poder, já que, quando se deseja exercer qualquer tipo de controle ou influência sobre os demais, recorre-se ao discurso. De acordo com esse ponto de vista, Marcuschi (2008) ressalta:

Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social. (MARCUSCHI, 2008, p. 162).

Devido a isso, destacou-se, ao longo deste projeto, a importância do trabalho com a linguagem a partir dos gêneros, uma vez que, somente por meio deles, é possível a ação e interação humanas nos eventos comunicativos cotidianos.

Desse modo, as aulas de língua portuguesa, em qualquer nível de ensino, e os estudos linguísticos, em geral, devem dar conta não somente de nomenclaturas e classificações, mas, sobretudo, do ensino da linguagem como forma de interação e ação social. Por meio de uma infinidade de gêneros textuais de que dispomos, deve-se explorar a intertextualidade e outros

elementos linguísticos e semióticos presentes em cada texto de forma efetiva, a fim de que se discuta com os estudantes a respeito do que cada elemento revela sobre os objetivos daquele instrumento textual, sobre para quem a informação contida nele está destinada, sobre o emissor e sobre quaisquer elementos endofóricos e/ou exofóricos que possam interferir na transmissão daquela mensagem.

Por fim, é importante destacar que os usuários da língua precisam ser capazes de reconhecer e mobilizar diversas estratégias sociocognitivas, interacionais e linguísticas para participarem ativamente da produção coletiva de sentido que cada interação exige deles ou possibilita a eles.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. C. *Decisões da gestão Bolsonaro fragilizam controle ambiental*. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/08/decisooes-da-gestao-bolsonaro-fragilizam-controle-ambiental.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- ANTUNES, I. *Lutar com palavras – coesão e coerência*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- ANTUNES, I. Textualidade e os gêneros textuais: referência para o ensino de línguas. In: ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.
- ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, D. L. P. *Teorias do discurso: fundamentos semióticos*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2001.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BAZERMAN, C. *Gêneros, agência e escrita*. Judith C. Hoffnagel; Ângela P. Dionísio (org.). São Paulo: Cortez, 2006.
- BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONISIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (org.). *Gêneros textuais, tipificação e interação social*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 42-91.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. V. *Introduction to text linguistics*. Londres: Longman, 1981.
- BENTES, A. C. Gênero e ensino: algumas reflexões sobre a produção de materiais didáticos para a educação de jovens e adultos. In: KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BEZERRA, P. (org.) *Mikhail Bakhtin: os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BIDEN: EUA já aplicaram mais de 300 milhões de doses de vacinas contra covid-19. [S. l.], 3 jul. 2021. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2021/07/eua-aplicam-quase-330-milhoes-de-doses-de-vacinas-contra-covid-19.html>. Acesso em: 5 jul. 2021.
- BORGES, L. *Bretas é acusado de negociar penas, orientar advogados e combinar com o MP*. 4 jun. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bretas-e-acusado-de-negociar-penas-orientar-advogados-e-combinar-com-o-mp/>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BRAIT, B; SOUZA-E SILVA, M. C. (org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.
- BRAIT, B; SOUZA-E SILVA, M. C. Contribuições bakhtinianas para a análise do verbo-visual. In: BASTOS, N. B. (org.) *Lusofonia: memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008.

- BRONCKART, J. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*; trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- CHALHUB, S. *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 1986.
- CHARROLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos Textos. In: GALVES, C. et al (org.). *O texto: leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1997.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CORREIA, M.; LEMOS, L.S.P. 2005. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- COSTA VAL, M. *Redação e textualidade*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- DIANA, D. *Morte e vida severina*. [2021]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/morte-e-vida-severina/>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília. Universidade de Brasília, 2001.
- FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2000.
- FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FIORIN, J. L. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B; SOUZA-E-SILVA, M. C. (org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.
- FLACH, N.; GUIMARÃES, L. *Petrobras anuncia aumento de 5,9% do gás de cozinha nas distribuidoras*. 11 jun. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/06/11/petrobras-anuncia-aumento-de-5-9-do-gas-de-cozinha-a-partir-de-segunda-feira/>. Acesso em: 7 jul. 2021.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Fourense Universitária, 2012.
- GUIMARÃES, E. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GUIMARÃES, E. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1995.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. G. V; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: Diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, I. G. V; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Introdução à linguística textual : trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2017.

- KOCH, I.G.V; TRAVAGLIA, L.C. *A coerência textual*. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- LANÇADO há 20 anos, Titanic tornou-se fenômeno do cinema mundial. [S. l.], 19 dez. 2017. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/lancado-ha-20-anos-titanic-tornou-se-fenomeno-do-cinema-mundial>. Acesso em: 7 jul. 2021.
- LAZARENTO. In: AULETE Digital. Disponível em: <https://aulete.com.br/lazarento/>. Acesso em 7 jul. 2021.
- MACIEL, L. V. C. A (in)distinção entre dialogismo e intertextualidade. *Linguagem em (Dis)curso- LemD*, Tubarão, SC, v.17, p.137-151, jan./abr. 2017.
- MADUREIRA, L. N. *A intertextualidade na leitura e na escrita como fator relevante no ensino de Língua Materna*. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P de Souza-e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A P. (org.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é, como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983. (Série Debates, 1).
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: reflexões e ensino. In: KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011.
- MARTINS, V. et al. *Lázaro Barbosa: como ficam as investigações após a morte do criminoso*. [S. l.], 1 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/07/01/lazaro-barbosa-como-ficam-as-investigacoes-apos-a-morte-do-criminoso.ghtml>. Acesso em: 7 jul. 2021.
- MELO NETO, J. C. Morte e vida severina. *Constituição & Constituinte*, n. 7, 16 out. 1986. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/117791/1986_OUTUBRO_055h.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em 7 jul. 2021.
- MESERANI, S. *O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação*. São Paulo: Cortez, 1995.
- MILLER, C. R. *Estudos sobre gênero, agência e tecnologia*. Recife: UFPE, 2009.
- MILLER, C. R. Genre as social action. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. *Genre and the new rhetoric*. UK: USA: Taylor & Francis Publishers, [20--]. p. 23-42.

MORADOR de condomínio diz que motoboy negro é ‘lixo’ e tem ‘inveja de sua cor’. [S. l.], 7 ago. 2020. Disponível em: <https://www.diariodolitoral.com.br/policia/em-video-morador-de-condominio-fechado-diz-que-motoboy-negro-tem/136885>. Acesso em: 26 out. 2020.

MOTTA MAIA, M. C. *Intertextualidade*. Disponível em: <http://www.acd.ufrj.br/~pead/tema02/intertextualidade2.htm>. Acesso em: 22 jul. 2021.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011.

O PÃO e circo romano. [S. l.], [2021]. Disponível em: <https://www.preparaenem.com/historia/o-pao-e-circo-romano.htm>. Acesso em: 7 jul. 2021.

OPERAÇÃO Lava Jato. [2021]. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato>. Acesso em: 5 jul. 2021.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PAES diz que Bienal do Livro não terá censura, ironiza Crivella e mostra exemplar que ganhou de Felipe Neto. 12 ago. 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/paes-diz-que-bienal-do-livro-nao-tera-censura-ironiza-crivella-mostra-exemplar-que-ganhou-de-felipe-neto-25152161.html>. Acesso em: 25 set. 2021.

PAULIUKONIS, M. A. L.; DOS SANTOS, L. W. (org.). *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

PRAÇA, K. C. F. Charge: um olhar intertextual. In: FÓRUM DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DA UERJ, 10., 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

POSSENTI, S. Simulacro e interdiscurso em slogans. In: POSSENTI, S. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

POSSENTI, S. Humor e diálogo. In: BASTOS, N. B. (org.). *Lusofonia: memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008.

SAMOYAUULT, T. *A intertextualidade*. Tradução Sandra Paulo. [S.l.]: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANT'ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase e cia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SIGNIFICADO de Lazarento. [S. l.], 1 jul. 2017. Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/lazarento/>. Acesso em: 7 jul. 2021.

SOUZA, F. *Motoboy é alvo de ofensas racistas; "Você nunca vai ter nada", diz agressor*. 7 ago. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/08/07/motoboy-e-alvo-de-ofensas-racistas-voce-nunca-vai-ter-nada-diz-agressor.htm>. Acesso em: 29 set. 2020.

TEÓFILO, Sarah. Bolsonaro sofre desgaste com a Copa América em qualquer cenário, avaliam especialistas. [S. l.], 7 jun. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/06/4929391-bolsonaro-sofre-desgaste-com-a-copa-america-em-qualquer-cenario-avaliam-especialistas.html>. Acesso em: 25 set. 2021.

TUCA comemora 40 anos de Morte e Vida Severina. [S. l.], 22 set. 2005. Disponível em: http://www.labjor.unicamp.br/midiaciencia/article.php3?id_article=43. Acesso em: 30 jul. 2021.

VALENTE, A. Intertextualidade e interdiscursividade nas linguagens midiáticas e literárias: um encontro Luso-brasileiro. In: OLIVEIRA, F; DUARTE, I. M. *O fascínio da linguagem*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2008.

VALENTE, A. *A linguagem nossa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

VALENTE, A. Coesão e coerência em textos jornalísticos. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 16, 2001. Faculdades Integradas Hélio Alonso.

VALENTE, A. Aspectos semânticos em charges e cartuns. In: AZEREDO, J. C. de (org.). *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.

VALENTE, A. Intertextualidade: aspecto da textualidade e fator de coerência. In: HENRIQUES, C. C.; PEREIRA, M. T. G. (org.). *Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003.

VALENTE, A. Intertextualidade e interdiscursividade em charges, tirinhas e quadrinhos midiáticos. In: SIMÕES, D. M. P. (org.). *Semiótica, linguística e tecnologias de linguagem: homenagem a Umberto Eco*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.

VALENTE, A. (org.) *Intertextualidade e interdiscursividade nas linguagens midiáticas e literárias: um encontro luso-brasileiro*. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6694.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

VALENTE, A. Variedades do discurso: Intertextualidade e interdiscursividade na mídia e na literatura. In: BASTOS, N. B. (org.). *Lusofonia: memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008.

VERSÍCULOS da ovelha perdida. [S. l.], 2020. Disponível em: https://www.bibliaon.com/ovelha_perdida/. Acesso em: 7 out. 2020.